



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA  
MONOGRAFIA EM LITERATURA

YALLY SCHAYANY TAVARES TEIXEIRA

**SAMUEL RAWET: A PRODUÇÃO NÃO FICCIONAL**  
PUBLICADA NO *JORNAL DO BRASIL* NA DÉCADA DE 1970

BRASÍLIA  
2018

YALLY SCHAYANY TAVARES TEIXEIRA

**SAMUEL RAWET: A PRODUÇÃO NÃO FICCIONAL**  
PUBLICADA NO *JORNAL DO BRASIL* NA DÉCADA DE 1970

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Isabel Edom Pires.

BRASÍLIA  
2018

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me preparar para viver todas as coisas em seu momento certo;

À minha família e amigos, por me entenderem e por serem meu suporte em todo tempo;

À Maria Isabel Edom Pires, minha orientadora e mãe acadêmica, por confiar em meu trabalho e me animar a cada encontro;

Aos meus colegas da Universidade de Brasília, que se tornaram amigos e companheiros de vida;

À Fundação Biblioteca Nacional, pelas inúmeras contribuições que a Hemeroteca Digital Brasileira trouxe a esta pesquisa e por permitir que a memória literária e jornalística de nosso país seja revisitada.

Muito obrigada! Eu jamais conseguiria expressar neste pequeno espaço o quanto vocês me encorajam e me inspiram a continuar.

“A ideia de infinito é a ideia de *abertura* apenas, não de *sem-fim*”.

Samuel Rawet

## RESUMO

O presente trabalho se dispõe a mapear e indexar os textos publicados por Samuel Rawet no Suplemento Livro, do *Jornal do Brasil*, na década de 1970. Antes disso, apresenta um panorama acerca da relação do autor com a imprensa carioca, ressaltando suas colaborações nos suplementos literários dos jornais *A Manhã*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã* e na *Revista Branca*. A leitura dos textos que compõem a coletânea, acessados através da Hemeroteca Digital Brasileira, possibilitou a identificação de autores, ideologias e obras com que Samuel Rawet se propôs a dialogar e que, decerto, compõem uma personalidade erudita, além de alguns nomes que provavelmente o influenciaram na composição de obras ficcionais e não ficcionais. O trabalho exhibe, ainda, a reprodução na íntegra dos textos, como forma de aproximá-los dos leitores e pesquisadores de Samuel Rawet.

**Palavras-chave:** 1. Samuel Rawet. 2. Pesquisa de acervo. 3. Literatura Brasileira. 4. Suplementos literários.

## ABSTRACT

The present study aims at mapping and indexing the texts published by Samuel Rawet in the newspaper supplement of the *Jornal do Brasil* journal during the 1970s. Before doing so, an overview on the author's relationship with the press of Rio de Janeiro is presented, with highlights to his contributions to literary supplements of journals such as *A Manhã*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias* and *Correio da Manhã*, and in the *Revista Branca* magazine. The reading of the texts that compound the collection, which can be found in the Brazilian Digital Newspaper and Periodicals Library, enabled the identification of authors, ideologies and works with which Samuel Rawet proposed to dialogue and which, of course, make up his scholarly personality, besides some persons that probably influenced his fictional and nonfiction works. This study also contains the author's said texts in their entirety, as a way of bringing them closer to the readers and researchers of Samuel Rawet.

**Keywords:** 1. Samuel Rawet. 2. Collection research. 3. Brazilian literature. 4. Literary supplements.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1. Samuel Rawet e o jornalismo cultural .....	10
2. Samuel Rawet no <i>Jornal do Brasil</i> .....	14
2.1. Fichamentos descritivos .....	17
2.2. Índice de autores.....	30
3. Considerações Finais .....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	47
ANEXOS .....	51

## INTRODUÇÃO

No presente, o estudioso e leitor de Samuel Rawet ainda enfrenta dificuldades em acessar o conjunto de sua obra pelo fato de não ter sido toda ela compilada ou de não ter vindo a público. Neste sentido, julgou-se pertinente a realização de uma pesquisa em fontes documentais com o intuito de localizar e tornar acessíveis textos do escritor que não tivessem obtido reprodução em livros, mas constantes de jornais e revistas literárias, tendo em vista que seus trabalhos sempre estiveram relacionados a este tipo de imprensa.

O canal utilizado para isso foi a Hemeroteca Digital Brasileira, um portal da Fundação Biblioteca Nacional que disponibiliza um vasto acervo de jornais, revistas literárias e científicas, anuários e boletins nacionais e internacionais que remontam ao século 18. Por ser disponibilizado de modo virtual e gratuito, o acesso ao acervo é bastante democrático, já que torna disponíveis materiais que, em outro caso, só poderiam ser consultados em visita ao acervo físico. A consulta no site é realizada por meio de palavras-chave a partir de três filtros: periódico, período e local de publicação. Ao se escolher a pesquisa por local, por exemplo, título do periódico e período de publicação podem ou não ser mencionados, o que permite a localização de resultados mais gerais ou mais específicos, dependendo da necessidade do investigador.

No período entre fevereiro e junho do ano corrente, foram realizadas buscas no portal com o termo “Samuel Rawet”, as quais retornaram cerca de 880 ocorrências, distribuídas em periódicos de 13 estados, do período entre 1949 e 2014, sendo o Rio de Janeiro o detentor de mais apontamentos, seguido do Distrito Federal e de São Paulo. Cabe ressaltar, porém, que nem sempre uma ocorrência corresponde ao que se espera encontrar de fato, pois o termo “Rawet” pode ser identificado como “raízes” ou “rádio”, apenas a título de exemplo, e “Samuel” pode remeter a outras pessoas que não sejam o escritor em questão. Some-se a isso o fato de que, em razão do mau estado de conservação de alguns arquivos, como páginas escurecidas, amassadas ou rasgadas, a identificação dos termos acaba não sendo tão precisa.

Apesar de o foco inicial ter se concentrado em obras do gênero literário conto<sup>1</sup>, a grande quantidade de textos não ficcionais redirecionou nosso eixo de estudo. Diante disso, os textos coletados se mostraram igualmente relevantes tanto em função de os estudos em relação a Samuel Rawet concentrarem-se, em grande parte, em sua obra ficcional, quanto dos novos caminhos que a exploração desses textos poderia abrir, em nível intra e intertextual.

Sendo assim, no primeiro capítulo há um panorama acerca da colaboração de Samuel Rawet na imprensa periódica carioca, em que o destaque foi direcionado aos jornais *A Manhã*, *Diário de Notícias*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã* e à *Revista Branca*, por serem referência no jornalismo cultural no país. Nesse caminho, julgou-se necessário ressaltar a importância que os suplementos literários tiveram na história do jornalismo e literatura brasileiros, servindo como um espaço de divulgação de ideias e de lançamento para muitos escritores que buscavam a consolidação de sua carreira, como é o caso de Rawet. Para isso, foram utilizados os trabalhos de Silvano Santiago (1993), Alzira Alves de Abreu (1996) e Isabel Travancas (2001).

O segundo capítulo apresenta inicialmente alguns apontamentos sobre os vinte e quatro textos que compõem o *corpus*<sup>2</sup> do trabalho, publicados especificamente no *Jornal do Brasil*, com base em Bines & Tonus (2008) e Nina (2007). Em seguida, apresenta fichamentos descritivos sobre cada uma das publicações, constituídos de dados bibliográficos relativos à localização do texto no periódico e de informações relacionadas ao conteúdo: assunto principal e assuntos

---

<sup>1</sup> Neste sentido, localizamos na Hemeroteca Digital Brasileira 8 contos, publicados nos jornais *A Cigarra*, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca* e *Diário de Notícias*, mas que não foram republicados em livro, a saber: *A cova do Diabo* (1949), *O balanço* (1949), *Toada de Jeremias* (1951), *A visita* (1953), *Domingo* (1950), *A sopa* (1951), *O dono da multidão* (1951) e *O Dote* (1953), todos anteriores à publicação de seu primeiro livro, *Contos do Imigrante*.

<sup>2</sup> *A misti-mitificação do proletariado* (1970); *Judith, um mergulho no caos organizado* (1971a); *Kafka ou um animal chamado escritor* (1971b); *Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária* (1971c); *Um vagabundo contra todos os dogmatismos* (1971d); *Uma estrutura ôntica, a molecagem* (1972a); *O socialismo utópico de Martim Buber* (1972b); *A inutilidade dos anjos ou os equívocos da lógica* (1972c); *Psicologia? "Falou." Tou na tua, bicho* (1972d); *Uma primeira aula real de filosofia* (1972e); *A recriação de Chagall em uma novela híbrida* (1972f); *Capim para dois, Herr Doktor* (1973a); *A coragem de ser esfinge* (1973b); *"O jogo da Asa da Bruxa" ou antinovela e intriga* (1973c); *"A falha", um teorema demonstrado* (1973d); *Graciliano, a melhor tradução de "A peste"* (1973e); *Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos* (1973f); *Os rojuks e o pão da miséria* (1973g); *"Memorial do homem" e outras possibilidades do Cristo* (1975a); *Pliplaimundo, ora essa, um galo que fala?* (1975b); *Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística* (1975c); *O "enfant sauvage" de Illich numa sociedade sem escolas* (1975d); *Uma civilização de desodorantes e o sábio* (1976e); e *Filosofia: nem só de cão vive um lobo* (1976).

secundários, além de um levantamento de pessoas e obras mencionadas por Rawet.

Por fim, apresenta um índice dos autores identificados na etapa anterior, nos quais há, além do nome, o título da/das publicação/publicações em que foi feita a referência. Sua elaboração se justifica por acreditarmos que possa ser ferramenta de interesse para o pesquisador que procura encontrar referências do escritor a determinadas personalidades. Tanto os fichamentos quanto o índice de autores (nos casos em que a pessoa é citada em mais de um texto) seguem a ordem cronológica das publicações.

A leitura e catalogação das obras encontradas possibilitou o reconhecimento das inúmeras leituras de Samuel Rawet, que revelam o seu lado erudito, além de mostrar pintores, cineastas, dramaturgos, músicos, figuras em geral, que provavelmente o influenciaram. Permitiu também o reconhecimento de temas que são recorrentes em sua obra ficcional e não ficcional, como a sexualidade, a religião, a educação, a literatura, e outros. Sem pretender qualquer trabalho interpretativo-analítico, o trabalho se deteve na coleta, descrição e reprodução desse material, como uma forma de recuperar uma produção que, pela riqueza literária e referencial, não deve ficar esquecida nas folhas dos jornais.

É evidente que a coletânea difundida aqui não esgota a tarefa de reunião da obra de Samuel Rawet, até mesmo pelos recortes aplicados – tempo, espaço e periódico – e pelas limitações que uma pesquisa digital pode apresentar, mas espera-se que possa constituir matéria de consulta para pesquisas e que incentive a renovação das discussões sobre a obra do escritor. No mais, tem-se convicção de que este trabalho não é o fim, mas a abertura; não é o traço final, é o risco do bordado para outros advindos dele.

## 1. Samuel Rawet e o jornalismo cultural

Ao longo de quase quarenta anos de publicações, Samuel Rawet (Klimontów, 1929 – Sobradinho, 1984) dedicou-se à composição de obras de diversos gêneros, principalmente contos, novelas e ensaios, mas também a um grande número de crônicas, peças e artigos sobre teatro. Sua relação com a imprensa sempre foi bastante agitada, já que ele chegou a processar uma grande editora nacional<sup>3</sup> e a vender um apartamento no Rio de Janeiro para publicar por conta própria alguns de seus livros. Nesse contexto, é interessante destacar que seus trabalhos sempre estiveram vinculados ao espaço dos periódicos e revistas literárias, especialmente os do Rio de Janeiro, e acompanharam as várias fases dessa imprensa.

Nos jornais, os registros relacionados a Samuel Rawet podem ser divididos em quatro tipos basicamente: (i) anúncios de publicações de livros ou de estreias de suas peças; (ii) apreciações críticas sobre suas obras; (iii) avisos relacionados ao curso e à profissão de engenheiro; e, finalmente, (iv) textos de sua autoria, os quais se dividem entre os que foram republicados em livro e os que permaneceram restritos à fonte primária de divulgação – os jornais. Há ainda registros de entrevistas e resultados de concursos literários (em que participou como candidato e também como jurado), mas estes não apresentam um número tão significativo, ainda que sejam de igual importância.

Em relação a esse último tipo de registros, suas colaborações aconteceram nos suplementos literários que, junto das revistas literárias, integraram o chamado jornalismo cultural. Sua origem aqui no Brasil remonta aos romances de folhetim herdados dos franceses, os quais evoluíram para as chamadas críticas de rodapé até, finalmente, se tornarem um espaço especializado nos noticiários, que normalmente tratava de ideias e de cultura em geral, mas dedicava sempre um espaço privilegiado aos livros e à literatura.

A estrutura desses suplementos era composta geralmente por seções destinadas à divulgação de lançamentos estrangeiros e nacionais, que vinham acompanhados de críticas de intelectuais, além da publicação de textos autorais que seguiam os mais diversos critérios de seleção. Quanto à periodicidade dos suplementos, não havia um padrão, por isso eles podiam ser publicados semanal,

---

<sup>3</sup> Após a publicação da antologia *Literatura Brasileira em Curso*, da Bloch Editora, em 1968, Samuel Rawet, Autran Dourado e Carlos Drummond de Andrade moveram um processo contra a empresa, pois ela havia publicado trechos de suas obras sem a autorização dos escritores.

quinzenal ou mensalmente, mas sempre aos fins de semana. Segundo Travancas (2001), a escolha do dia de publicação dos suplementos revela a visão da sociedade em relação aos temas culturais, sendo que no Brasil eles estariam ligados ao lazer e ao ócio, diferente dos suplementos franceses, por exemplo, que eram publicados às quintas-feiras e estavam diretamente ligados ao trabalho e ao estudo. Tal noção é reforçada por Santiago (1993) em um ensaio sobre a crítica literária nos jornais:

Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou privado de algo a mais. A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser esse algo a mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado dos dias da semana a preencher o lazer do *weekend* de maneira inteligente (p. 14).

Alzira Alves de Abreu elege a década de 1950 como o ápice dos suplementos no Brasil, tendo em vista que eram produzidos por praticamente todos os jornais de grande circulação do país e sua publicação lhes conferia prestígio. Por outro lado, havia também o interesse dos jovens escritores que buscavam, além da remuneração, o acesso de suas obras a um público mais amplo, sem falar nos autores que já eram conhecidos e mantinham colunas fixas nos jornais, como é o caso de Clarice Lispector<sup>4</sup>. Ainda segundo Abreu (1996),

O suplemento era a forma de inserção dos jovens no mundo literário. Para a publicação dos primeiros textos, o iniciante buscava uma indicação de amigo, parente ou conhecido que o pusesse em contato com um escritor conceituado que colaborasse em suplementos (p. 25).

É justamente nesse contexto que acontece a estreia de Samuel Rawet nos periódicos, a qual é marcada pela participação em muitos concursos literários, em que se destacam os primeiros registrados: o Concurso Permanente de Contos, da *Revista da Semana*, e outro, de igual nome, do magazine *A Cigarra*<sup>5</sup>. Esses concursos permitiram que Rawet trilhasse um caminho mais sólido enquanto escritor, uma vez que, após ter uma crônica selecionada para o concurso A Crônica dos Novos, proposto por Dinah Silveira de Queiroz, em 1949, ele começou a integrar

<sup>4</sup> Neste sentido, ver Ranzolin (1985).

<sup>5</sup> Aos dezesseis anos, participou da terceira etapa do Concurso Permanente de Contos da *Revista da Semana* com a narrativa “Passo a passo chegaremos”, mas não foi selecionado. O conto em questão não foi localizado, portanto não se sabe se foi reescrito ou publicado com outro título. A participação no *A Cigarra-magazine* aconteceu em 1949, quando foi premiado com o conto “A cova do Diabo”, ainda não publicado em livro. Rawet participou novamente do concurso, desta vez com o conto “Maria Maluca” (que também não foi localizado), mas não foi classificado, sob a justificativa de que ele estava “à altura para realizar algo muito melhor”.

o grupo Café da Manhã e a escrever para os suplementos dos jornais diários de maior circulação no Rio de Janeiro.

O jornal *A Manhã* é o que contém o número mais expressivo de colaborações do autor relacionadas ao teatro. Desde setembro de 1950 até janeiro de 1951, ele publicou uma série de crônicas na coluna Café da Manhã, além de um pequeno ensaio sobre Monteiro Lobato e dois artigos sobre teatro. Entre abril e junho de 1954, quase um ano após a extinção do *A Manhã*, Rawet participou como colaborador fixo sobre teatro no Suplemento *Letras e Artes* fundado por Jorge Lacerda e dirigido por Almeida Fischer. Sua primeira participação é do dia 6 de abril, com o texto “Amadores e profissionais” e a última, do dia 15 de junho, com “‘Senhora dos afogados’ sob o signo da vaia”, pois nas edições seguintes a seção de teatro foi substituída por uma sobre cinema.

Neste mesmo sentido, participou também da *Revista Branca* de Saldanha Coelho, onde mostrou mais uma vez seu talento como crítico teatral ao abordar questões sobre o teatro contemporâneo e sobre as pessoas de Nelson Rodrigues e Oswald de Andrade. Além disso, publicou a peça em um ato “A volta”, a qual foi encenada no Teatro do Estudante no IV aniversário de Vitória, no Espírito Santo, e já anunciava sua vocação como dramaturgo, explicitada em 1957 com a encenação de “Os Amantes” no Rio de Janeiro pela Companhia Teatral de Nicette Bruno e Paulo Goulart. Nessa revista, colaborou com apenas um conto, “Josias, o triste”, que ainda não foi publicado em livro.

Há também exemplos de jornais em que as colaborações foram exclusivamente com contos, como é o caso do *Diário de Notícias*. Nesse jornal, Samuel Rawet publicou diversas histórias que integraram os livros *Contos do Imigrante*, *Diálogo*, *Os sete sonhos* e *O terreno de uma polegada quadrada*, e é o periódico em que o escritor colaborou por mais tempo, ainda que eventualmente, em um período de dezesseis anos entre o primeiro conto “Domingo”, em 1950, ainda não publicado em livro, e o último “O pão de nossa miséria”, em 1966. Ainda nesse sentido, há também o jornal *Diário Carioca*, no qual foram localizadas apenas duas participações, “Toada de Jeremias” e “A visita”, mas muito relevantes, pois ambas não foram publicadas em livro até o momento.

Por fim, no jornal *Correio da Manhã* Rawet colaborou com alguns contos e artigos sobre teatro, como já vinha fazendo nos outros periódicos já mencionados. Contudo, nesse jornal abordou também questões sobre o cinema moderno,

especialmente sobre o cineasta italiano Michelangelo Antonioni, e, em resenhas que beiram o ensaio, abordou temáticas e autores, como Thomas Mann, Heinrich Boll e Samuel Beckett, por exemplo, que seriam retomados nos livros de ensaios publicados na década de 1970 e nas colaborações do *Jornal do Brasil*, que serão abordadas mais detalhadamente a seguir.

## 2. Samuel Rawet no *Jornal do Brasil*

A primeira consideração a ser feita em relação aos textos que compõem este trabalho diz respeito à sua identificação enquanto gêneros literários, porque, apesar de estarem em seções destinadas à publicação de resenhas e de apresentarem indicação direta à obra resenhada, eles possuem também fortes características de ensaio, tais como o caráter investigativo e o julgamento de diversas matérias a partir da interpretação pessoal do autor.

Nina (2007), em um estudo sobre a literatura nos jornais, separa as resenhas jornalísticas em três tipos: i) resenhas-resumo; ii) resenhas-ensaio e iii) resenhas críticas. As primeiras “são aquelas feitas pelos assessores de imprensa, distribuídas como material de divulgação” e que apresentam, além do conteúdo da obra, os dados biográficos do autor, outras obras suas e prêmios recebidos. No segundo tipo, estão aquelas “em que o livro é apenas um pretexto para uma reflexão mais aprofundada sobre o tema abordado pela obra”. Por fim, as resenhas críticas são aquelas feitas por especialistas no assunto tratado e que, por isso, são responsáveis por “apresentar uma leitura consistente e original” da obra.

Neste sentido, a produção de Samuel Rawet veiculada no *Jornal do Brasil* entre 1970 e 1976 – com exceção do ensaio “A misti-mitificação do proletariado” e dos dois dossiês, que possuem suas idiossincrasias – pertence à tipologia de resenha-ensaio, já que não demonstra a finalidade principal de divulgação da obra, mas de especulação e reflexão de questões relacionadas aos campos da filosofia, da religião, da ciência, da literatura, e outras. O livro resenhado não é o centro, mas, na verdade, o ponto de partida de um processo que não procura as respostas, pelo contrário, aspira a uma “desalienação da consciência”.

Bines e Tonus explicam esse estilo:

O ensaio rawetiano recusa uma especulação rígida e instaura uma diluição de fronteiras entre a ciência, a literatura, a ficção, a confissão, o real e o ilusório, incitando o leitor a questionar a veracidade e a legitimidade de cada um desses discursos. O hibridismo latente de seus textos busca, desse modo, atingir uma situação limite no processo de escrita/leitura por meio do qual o leitor, como testemunha, público e ator, é convidado a desconstruir os códigos sociais (2008, p. 19-20).

Nesse movimento de desconstrução e de quebra, é natural que sua postura seja crítica e sua linguagem, áspera. Ao refletir sobre a educação e a literatura infantil, por exemplo, Rawet questiona qual a finalidade em sermos educados e

defende que “qualquer orientação dada em matéria de educação é sempre errada, o problema é errar menos” (RAWET, 1972d). É bem provável que afirmações como esta sejam reformulações, desta vez em caráter filosófico, de sua experiência de aprendizagem “nas ruas”, conforme depoimento cedido a Flávio Moreira da Costa (1972). Nesse mesmo texto, o pensamento infantil e a criação artística, temática constante nas resenhas publicadas no *Jornal do Brasil*, são colocados em comparação: não se ensina a criança a crescer, nem o artista a criar – ambos crescem e criam simplesmente.

Também são alvos de duras críticas as pessoas de Marx, Freud e Hitler, que são representantes do homem alemão para Rawet, e, para além disso, as teorias psicanalíticas e marxistas são consideradas como um grande fracasso e elegidas, sem meias palavras, como “as duas grandes ilusões do século XIX”. Martin Buber e Baruch Spinoza, por outro lado, são filósofos judeus por quem Rawet demonstrava grande admiração em seus trabalhos não ficcionais, sobretudo por também questionarem a tradição judaica e por apresentarem a ele os “elementos positivos do judaísmo”.

Como era de se esperar, a literatura também permeia o universo reflexivo de Rawet. Neste sentido, merece destaque a figura de Franz Kafka, cuja influência é retomada em diversos trabalhos, inclusive no conhecido “Kafka e a mineralidade judaica ou a tonga da mironga do kabuletê”, em que Rawet rompe de vez com o judaísmo. No *Jornal do Brasil*, o literato alemão é classificado como um estranho animal – aquele que escreve e que, por usar a simplicidade da palavra, pode pesquisar o homem em sua condição de indivíduo:

Um animal, para quem a criação é um modo de manifestar o corpo no mundo, usa a palavra escrita para contar as andanças de um homem que entra, sai, passa. Esse animal não nega Deus porque não há o que negar. Esse animal percebe a falência da ciência como explicação do mundo, percebe a falência da religião como explicação da existência. Esse animal parece solicitar uma ética voltada no indivíduo e não nas instituições pomposas (RAWET, 1971b).

Em relação à literatura brasileira, Graciliano Ramos, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade recebem muitos elogios. Graciliano é considerado como o maior romancista do movimento modernista, e seu romance “São Bernardo” é colocado no patamar de um romance de educação, pois, apesar de não ter papel educativo, “põe em questão um aspecto mais fundo, mais largo, mais concreto do cotidiano homem-mulher-criança melhor que muitos métodos pedagógicos”

(RAWET, 1975d), novamente defendendo a educação por métodos não convencionais.

Drummond é considerado como o Poeta, com maiúscula, o que lhe confere uma posição superior, quase divina. Assim como Kafka, usava a palavra simples para expressar o mundo, visão que é retomada em “Drummond: o ato poético”: “o Poeta tem junto ao *ato poético*, transbordamento, um respeito emocional pela palavra que brota. Naquele momento em que as palavras ainda são *conhecimento de alguma coisa*, enquanto *amigo do conhecimento*, o Poeta tem alguma coisa a dizer” (RAWET, 1977). De igual modo é vista a prosa de Clarice Lispector, a qual chega a ser apontada como superior a dos franceses Robbe-Grillet e Michel Butor, dois dos principais nomes do movimento literário *nouveau roman*. Clarice era companheira de Rawet nas colunas do *Jornal do Brasil*, uma vez que ela era colaboradora fixa do periódico, e, em um ensaio também publicado no Suplemento Literário de Minas Gerais, ele narra o instante em que a conheceu pessoalmente.

Esse exemplo, aliado a outros acontecimentos, como a viagem a Israel com a equipe de Niemeyer ou outra em companhia dos companheiros do Café da Manhã com destino a Parati, que são rememorados em diferentes contextos especulativos, apontam para um aspecto biográfico presente nas resenhas-ensaio de Rawet, justamente pelo fato de serem baseados no que ele chama de filosofia experimental: “Foi nas minhas andanças que reformulei todas as questões, refiz todas as perguntas” (RAWET, 1970). Na literatura de Rawet, caminhar pelo Largo do Machado, ou pelas entre quadras de Brasília, ou escutar um trecho do Patrulha da Cidade<sup>6</sup> dentro do táxi é sempre um convite para se questionar.

Outro aspecto interessante em relação aos textos é a quantidade de referências feitas por Rawet. Em um único texto, que trata sobre a psiquiatria, por exemplo, são mencionados pintores, filósofos e figuras religiosas como Buda, Saravá Ogum e Jesus Cristo. Apesar dessa concentração de temas e correspondências, Rawet tenta evitar a criação em torno de si de uma imagem erudita ou acadêmica, preferindo a de um filósofo inexperiente, ao afirmar “sou homem de poucas leituras e autor de poucos livros, magros” (RAWET, 1970), ainda que à época desse ensaio já tivesse publicado pelo menos cinco livros. Segundo

---

<sup>6</sup> Programa policial criado em 1960 pelo radialista Afonso Soares, transmitido ainda hoje pela Rádio Tupi. As matérias, uma combinação de jornalismo com rádio teatro, expõem casos policiais com uma porção de humor. Um episódio é mencionado por Rawet no texto “A inutilidade dos anjos ou os equívocos da lógica” (1972c).

Kirschbaum, a leitura de seus ensaios “permite ver que a imagem de anti-intelectual é apenas uma cortina de fumaça, uma forma de se apresentar que busca encobrir sua intensa e sistemática atividade de leitura, reflexão e elaboração. Rawet está longe de ser um leitor de ‘vitrines de livrarias’” (2004, p. 37).

Por fim, cabe ressaltar que, dentre os textos apresentados aqui, apenas dois foram publicados em livro, sendo que o primeiro, “O socialismo utópico de Martin Buber”, de 1972, foi republicado como prefácio do livro *Angústia e Conhecimento* e renomeado como “As utopias do judeu Buber”; e o segundo, “Filosofia: nem só de cão vive um lobo”, de 1976, foi publicado na compilação de ensaios organizada por José Leonardo Tonus e Rosana Kohl Bines de 2008, com base em um manuscrito datilografado de 1984. Os demais permanecem inéditos em livro.

## **2.1. Fichamentos descritivos**

Os fichamentos a seguir são compostos por informações relativas aos 24 textos de Samuel Rawet publicados na editoria destinada à divulgação de ideias e publicações – ora denominada como “caderno b”, ora como “Livro” – do *Jornal do Brasil*, entre 1970 e 1976. Sua organização buscou facilitar o acesso do público a essas obras, por isso as indicações à seção, ano e número do periódico em que estão registradas as publicações, mas também fornecer ferramenta para os pesquisadores da obra rawetiana, por isso os indicadores relativos aos assuntos tratados e uma listagem das referências a obras e a pessoas, feita por ordem e aparição nos textos. Não foram incluídas informações sobre o estado de conservação dos textos, pois todos estavam em bom estado, até mesmo por serem relativamente recentes, e, ainda que a coleta tenha sido feita por meio digital, não houve nada que impedisse sua leitura e compreensão.

### **1) A misti-mitificação do proletariado**

- Data de publicação: 14 de fevereiro de 1970.
- Seção do periódico: caderno B, página 2.
- Ano e número do periódico: ano 79; número 264.
- Assunto principal: Alienação burguesa ao proletariado.
- Assuntos secundários: Aprendizagem. Pensamento. Consciência. Economia. Psicanálise.

- Referências
  - Pessoas: Karl Marx; Sigmund Freud e Adolf Hitler.
  - Obras: *O elogio da Loucura*, de Erasmo; *A fenomenologia do chato*, de Samuel Rawet (trabalho que pretendia desenvolver); *Fenomenologia do espírito*, de Friedrich Hegel; e *Viagem de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro, e de um futuro que já passou porque sonhado*, de Samuel Rawet.

## 2) Judith, um mergulho no caos organizado

- Data de publicação: 26 de junho de 1971.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Seleção do Mês”, página 7.
- Ano e número do periódico: ano 81; número 63.
- Título e autor da obra resenhada: *Meio da Pedra: nonas histórias genéticas*, de Judith Grossmann.
- Assunto principal: Literatura de Judith Grossmann.
- Assuntos secundários: Ficção Moderna. Estrutura da Linguagem. Música.
- Referências
  - Pessoas: Judith Grossmann.
  - Obras: *Reporto a Leonardo*, de Judith Grossmann; *Os imortais amantes*, de Judith Grossmann; *A gata borralheira*, de Charles Perrault.

## 3) Kafka ou um animal chamado escritor

- Data de publicação: 28 de agosto de 1971.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Dossier”, página 2.
- Ano e número do periódico: ano 81; número 122.
- Assunto principal: Literatura kafkiana.
- Assuntos secundários: Filosofia alemã. Consciência criadora. Expressionismo. Literatura popular. Literatura brasileira.
- Referências
  - Pessoas: Immanuel Kant; Friedrich Hegel; Karl Marx; Hermann Goring; Van Gogh; Franz Kafka; Johann Sebastian Bach; Dietrich Buxtehude;

Rainer Maria Rilke; Gregor Samsa; Karl Rosman; Karl Jaspers; Sancho Pança; Jorge Amado; Juan Rulfo; e Amos Tutuola.

- Obras: *Cartas ao pai*, de Franz Kafka; *Diários*, de Franz Kafka; *O capital*, de Karl Marx; *O processo*, de Franz Kafka; *O castelo*, de Franz Kafka; *América*, de Franz Kafka; *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo; *A morte e a morte de Quincas Borba d'água*, de Jorge Amado; *L'ivogne dans la brousse*, de Amos Tutuola; e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

#### 4) Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária.

- Data de publicação: 30 de outubro de 1971.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Seleção do Mês”, página 8.
- Ano e número do periódico: ano 81; número 176.
- Título e autor da obra resenhada: *Estruturalismo e Antropologia*, de Dan Sperber.
- Assunto principal: Interpretação da realidade.
- Assuntos secundários: Mitologia. Pensamento. Consciência. Estruturalismo, Simbolismo e Funcionalismo. Antropologia.
- Referências
  - Pessoas: Constantino Cavafis; Alfred Russel Wallace; Charles Darwin; Iansã; Claude Lévi-Darwin; Jack London; Jean-Paul Sartre; Dinah Silveira de Queiroz; Jararaca e Ratinho; e Johann Wolfgang Von Goethe.
  - Obras: *Le Totémisme Aujourd'hui*, de Lévi-Strauss; *Mito Terena do tabaco*; e *A vida do Sinal*, de Antonio Pagliaro.

#### 5) Um vagabundo contra todos os dogmatismos

- Data de publicação: 27 de novembro de 1971.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Seleção do Mês”, página 5.
- Ano e número do periódico: ano 81; número 200.
- Título e autor da obra resenhada: *Planejamento Urbano*, de Le Corbusier.
- Assunto principal: Criação urbanística.
- Assuntos secundários: Vagabundagem. Impulso Criador. Arquitetura. Brasília.

- Referências
  - Pessoas: Lúcio Costa; e Oscar Niemeyer.
  - Obras: *Minha experiência em Brasília*, de Samuel Rawet (trabalho que pretendia escrever).

## 6) Uma estrutura ôntica, a molecagem

- Data de publicação: 29 de julho de 1972.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Mercado”, página 3.
- Ano e número do periódico: ano 82; número 100.
- Título e autor da obra resenhada: *A criança difícil*, de André Berge.
- Assunto principal: Molecagem.
- Assuntos secundários: Crianças. Experiência. Aprendizado. Educação. Psicanálise.
- Referências
  - Pessoas: Martin Heidegger; Karl Jaspers; Gabriel Marcel; Martin Buber; Jean-Paul Sartre; e Jacques Maritain.
  - Obras: *El Sacerdote y él Bufón*, de Leszok Kolakovski; *Jogral de Nossa Senhora*; e *Pecado de Anjo*, de Jacques Maritain.

## 7) O socialismo utópico de Martin Buber

- Data de publicação: 26 de agosto de 1972.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Mercado”, página 9.
- Ano e número do periódico: ano 82; número 128.
- Título e autor da obra resenhada: *O Socialismo Utópico*, de Martin Buber.
- Assunto principal: Socialismo.
- Assuntos secundários: Psicanálise. Tradição judaica. Cientificismo. Filosofia. Consciência.
- Referências
  - Pessoas: Martin Buber; Shmuel Yosef Agnon; Federman; Baruch Spinoza; Karl Marx; Sigmund Freud; Gaston Bachelard; Carl Gustav Jung; e Friedrich Engels.

- Obras: *Tratado da Reforma do Entendimento*, de Baruch Spinoza; *Au delà du scientisme*, de René Laforgue; *O eclipse de Deus*, de Martin Buber; e Talmude.

### 8) A inutilidade dos anjos ou os equívocos da lógica

- Data de publicação: 30 de setembro de 1972.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Mercado”, página 9.
- Ano e número do periódico: ano 82; número 183.
- Título e autor da obra resenhada: *Fundamentos Lógicos da Ciência*, de Pável Vasílievich Kopnin.
- Assunto principal: Lógica.
- Assuntos secundários: Ética. Ciência. Filosofia. Conhecimento. Experiência. Consciência.
- Referências
  - Pessoas: Edmund Husserl; Parmênides; São Tomás de Aquino; Leo Gabriel; Karl Marx; e Martin Heidegger.
  - Obras: *Tao te King*, de Lao Tzu.

### 9) Psicologia? “Falou.” “Tou na tua, bicho”

- Data de publicação: 28 de outubro de 1972.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Seleção do Mês”, página 7.
- Ano e número do periódico: ano 82; número 191.
- Título e autor da obra resenhada: *Criança também é gente*, de Léia Lerner.
- Assunto principal: Relação entre a criança e o artista.
- Assuntos secundários: Processo de criação. Educação. Ensino e aprendizado. Psicologia.
- Referências
  - Obras: *A Farsa da Pesca do Piracuru e da Caçada do Jacu*, de Samuel Rawet; e *Bhagavard-Gita*.

### 10) Uma primeira aula real de filosofia

- Data de publicação: 2 de dezembro de 1972
- Seção do Periódico: Livro, coluna “Mercado”, página 5.

- Ano e número do periódico: ano 82; número 226.
- Título e autor da obra resenhada: *Introdução ao pensar*, de Arcângelo R. Buzzi.
- Assunto principal: Filosofia.
- Assuntos secundários: Pensamento. Consciência. Conhecimento.
- Referências,
  - Pessoas: Fausto Cunha; Sérgio de Camargo; Renard Perez; Farias Brito; Arcângelo R. Buzzi; Martin Heidegger; Santo Agostinho; Søren Kierkegaard; Ludwig Binswanger; Hermann Minkowski; Heráclito; Louis Pasteur; Friedrich Nietzsche; Zaratustra; e Dorival Caymmi.
  - Obras: *Epistemologia*, de Gaston Bachelard; *A filosofia americana como filosofia sin más*, de Leopoldo Zea; e *Da experiência de pensar*, de Martin Heidegger.

#### 11) A recriação de Chagall em uma novela híbrida

- Data de publicação: 16 de dezembro de 1972.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Seleção do Mês”, página 9.
- Ano e número do periódico: ano 82; número 240.
- Título e autor da obra resenhada: *A guerra no bom fim*, de Moacyr Scliar.
- Assunto principal: Processo de (re)criação artística.
- Assuntos secundários: Literatura. Artes plásticas.
- Referências
  - Pessoas: Osvaldo Sargentelli; Nelson Cavaquinho; Søren Kierkegaard; Edgar Allan Poe; Vincent Price; Roger Corman; Federico Fellini; Molly Bloom; Stephen Dedalus; Samuel Beckett; Clarice Lispector; Marc Chagall; Scholem Aleichem; Bernard Malamud; e Ernő Nemeček.
  - Obras: *Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector; *Casa da Paixão*, de Nélide Piñon; *Le Mort*, de Marc Chagall; *La Noce*, de Marc Chagall; *Moi et le Village*, de Marc Chagall; *La Promenade*, de Marc Chagall; *L’Hiver*, de Marc Chagall; *L’Ange Violiniste*, de Marc Chagall; *Le Coq Aux Amoureux*, de Marc Chagall; e *Os Meninos da Rua Paulo*, de Ferenc Molnár.

## 12) Capim para dois, Herr Doktor

- Data de publicação: 27 de janeiro de 1973.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Mercado”, página 9.
- Ano e número do periódico: ano 82; número 280.
- Título e autor da obra resenhada: *A comunidade terapêutica*, de Maxwell Jones.
- Assunto principal: Psiquiatria.
- Assuntos secundários: Psicopatologias. Doenças mentais. Teorias da sexualidade. Filosofia grega. Filosofia europeia.
- Referências
  - Pessoas: Walter Wendhausen; Frans Kraiczberg; Sérgio de Camargo; Albert Camus; Sócrates; Platão; Aristóteles; Ésquilo; Sófocles; Eurípedes; Friedrich Hegel; Immanuel Kant; Edmund Husserl; Maxwell Jones; Mircea Eliade; Jean-Martin Charcot; David Cooper; Saravá Ogum; Broma; Buda; Jesus Cristo; Maomé; Jeová; São Judas Tadeu; e William Abel Chaudill.
  - Obras: *Michael Kohlhaas*, de Heinrich von Kleist; *Morte em Veneza*, de Thomas Mann; *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói; *Etzel Andergast*, de Jacob Wassermann; *O garoto selvagem*, de François Truffaut; e *Aprendizagem ao vivo*, de Maxwell Jones.

## 13) A coragem de ser esfinge

- Data de publicação: 24 de fevereiro de 1973.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Seleção do mês”, página 7.
- Ano e número do periódico: ano 82; número 308.
- Título e autor da obra resenhada: *Esfinge – Estrutura e Mistério do Homem*, de Pierre Weil.
- Assunto principal: Consciência.
- Assuntos secundários: Ética. Psicologia. Teologia. Filosofia.
- Referências
  - Pessoas: Édipo; Georg Cantor; Nicolas Bourbaki; Rainer Maria Rilke; Marshall McLuhan; Molle; Norbert Wiener; Jean Piaget; Friedrich

Hegel; Jean-Paul Sartre; Octanny Silveira de Mota; Leônidas Hegenberg; Karl Jaspers; Ernest Meyer; Paul Tillich; e Jean Zafiropulo.

- Obras: *A coragem de ser*, de Paul Tillich; *Teseu*, de Kazantsakis; *Homo Viator*, de Gabriel Marcel; *Fenomenologia do Espírito*, de Friedrich Hegel; *Semiótica e Filosofia*, de Charles Sanders Pierce; *Dialética do não saber*, de Ernest Meyer; *Diálogo entre cristãos e budistas*, de Paul Tillich; e *Teologia da Cultura*, de Paul Tillich.

#### 14) “O jogo da Asa da Bruxa” ou antinovela e intriga

- Data de publicação: 31 de março de 1973.
- Seção do periódico: Livros, coluna “Seleção do Mês”, página 7.
- Ano e número do periódico: ano 82; número 340.
- Título e autor da obra resenhada: *O jogo da Asa da Bruxa*, de José Édson Gomes.
- Assunto principal: Literatura.
- Assuntos secundários: Processo de criação. Subliteratura. Ficção. Intriga.
- Referências
  - Pessoas: Pierre Clastres; John Smith; Clarice Lispector; Alain Robbe-Grillet; e Michel Butor;
  - Obras: *O homem e o rio*, de William Faulkner; e *O destino viaja de ônibus*, de Steinbeck.

#### 15) “A falha”, um teorema demonstrado

- Data de publicação: 28 de abril de 1973.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Seleção do Mês”, página 6.
- Ano e número do periódico: ano 83; número 20.
- Título e autor da obra resenhada: *A Falha*, de Antonis Saramakis.
- Assunto principal: Criação do romance policial.
- Assuntos secundários: Estética. Ética. Lógica. Literatura. Teorema. Cinema.
- Referências
  - Pessoas: Constantino Cavafis; Salvador Dalí; Conde de Lautréamont; Virgínia Woolf; Henry Moore; Ernest Bloch; Federico Fellini; Charles Chaplin; e Jorge Luis Borges.

- Obras: *Colônia Penal*, de Franz Kafka; *Jardim dos sendeiros que se bifurcam*, de Jorge Luis Borges; *O perseguidor*, de Julio Cortázar; *A pane*, de Friedrich Dürrenmatt; *O espião que veio do frio*, de John le Carré; *Naquela noite o rabino dormiu tarde*, de Harry Kemelmann; *A condessa de Hong Kong*, de Charles Chaplin; *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin; *O circo*, de Charles Chaplin; *Luzes da cidade*, de Charles Chaplin; e *Emma Zunz*, de Jorge Luis Borges.

#### 16) Graciliano, a melhor tradução de “A peste”

- Data de publicação: 26 de maio de 1973.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Mercado”, página 5.
- Ano e número do periódico: ano 83; número 48.
- Título e autor da obra resenhada: *A peste*, de Albert Camus.
- Assunto principal: Obra de Albert Camus.
- Assuntos secundários: Tradução. Simplicidade da palavra. Relação entre palavra e sentimento.
- Referências
  - Pessoas: Graciliano Ramos; Albert Camus; Jean-Paul Sartre; Simone de Beauvoir; Jorge Amado; Doctor Bernard Rieux; Jean Tarrou; Joseph Grand; Raymond Rambert; Dr. Castel; Cottard; Father Paneloux; Mersault; Samuel Beckett; Friedrich Nietzsche; Avicébron [Ibn Gabirol]; William Faulkner; Hermann Hesse; João da Cruz e Sousa; e David Herbert Lawrence.
  - Obras: *O mito de Sísifo*, de Albert Camus; *O estrangeiro*, de Albert Camus; *A náusea*, de Jean-Paul Sartre; *As bocas inúteis*, de Simone de Beauvoir; *As palavras*, de Jean-Paul Sartre; *Infância*, de Graciliano Ramos; *Cartas a um amigo alemão*, de Albert Camus; e *Camus por ele próprio*, de Morvan Lebesque.

#### 17) Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos

- Data de publicação: 30 de junho de 1973.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Dossier”, página 3.
- Ano e número do periódico: ano 83; número 83.

- Assunto principal: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise.
- Assuntos secundários: Relações humanas. Psicopatologia.
- Referências
  - Pessoas: Truman Capote; Luigi Pirandello; Mãe Menininha; Carl Jung; J. Alves Garcia; Karl Jaspers; Otto Fenichel; Pierre-Simon Laplace; Antonie Artaud; e Blaise Pascal.
  - Obras: *A árvore da vida*, de Truman Capote; *Epopeia de Gingamesh*; *As Kenningar*, de Jorge Luis Borges; *O canto de Ossanha*, de Baden Powel e Vinícius de Moraes; *Análise Direta*, de Kenneth H. Rosen; *Eutu-ele*, de Samuel Rawet; *Guérier la Vie*, de Roger Gintis.

### 18) Os rojuks e o pão da miséria

- Data de publicação: 14 de julho de 1973.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Seleção da Quinzena”, página 4.
- Ano e número do periódico: ano 83; número 97.
- Título e autor da obra resenhada: *O pão dos anos jovens*, de Heinrich Boll.
- Assunto principal: Solidão e angústia.
- Assuntos secundários: Cultura. Estudo da (auto)burrice. Intriga.
- Referências
  - Pessoas: Heinrich Heine; Jacob Wassermann; Wotan; Bronislaw Malinowski; Friedrich Hölderlin; Heinrich von Kleist; Hermann Hesse; Heinrich Boll; e Vasco Pratolini.
  - Obras: *Os hóspedes inesperados*, de Heinrich Boll; *Bilhar às nove e meia*, de Heinrich Boll; *Mito do Eterno Retorno*; e *Nouvelle Vague*, de Alain Resnais.

### 19) “Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo

- Data de publicação: 18 de janeiro de 1975.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Seleção da Quinzena”, página 5.
- Ano e número do periódico: ano 84; número 283.
- Título e autor da obra resenhada: *Memorial do Cristo*, de Dinah Silveira de Queiroz.
- Assunto principal: Criação artística.

- Assuntos secundários: Literatura brasileira. Modernismo. Prosa de ficção. Tradição.
- Referências
  - Pessoas: Pablo Picasso; Carlos Drummond de Andrade; Antônio Carlos Villaça; Judith Grossmann; Néida Piñon; Clarice Lispector; Dinah Silveira de Queiroz; Machado de Assis; Graciliano Ramos; Aníbal Machado; Martin Buber; Carl Jung; Emily Dickinson; Platão; e Chuang-Tzu.
  - Obras: *Enquanto agonizo*, de William Faulkner;

## 20) Pliplaimundo, ora essa, um galo que fala?

- Data de publicação: 8 de março de 1975
- Seção do periódico: Livro, coluna “Mercado”, página 3.
- Ano e número do periódico: ano 84; número 330.
- Título e autor da obra resenhada: *Pliplaimundo no Circo*, de Cassiano Nunes.
- Assunto principal: Literatura infantil.
- Assuntos secundários: Educação. Crianças. Teatro infantil.
- Referências
  - Pessoas: Jean Piaget; João da Baiana; Bertolt Brecht; Jean Genet; Eugène Ionesco; e Fernando Arrabal.
  - Obras: *Farsa da pesca do Pirarucu e da caçada do Jacu*, de Samuel Rawet; *A vida íntima de Laura*, de Clarice Lispector; *Uma galinha*, de Clarice Lispector; *Cinderela*, de Charles Perrault; *A bela adormecida*, de Charles Perrault; e *Chapeuzinho Vermelho*, de Charles Perrault.

## 21) Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística

- Data de publicação: 19 de julho de 1975.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Seleção da Quinzena”, página 4.
- Ano e número do periódico: ano 85; número 102.
- Título e autor da obra resenhada: *Estruturas linguísticas em poesia*, de Samuel R. Levin.
- Assunto principal: Análise linguística da poesia.

- Assuntos secundários: Ato poético. Dança frenética. Gramática. Sintagma e Paradigma.
- Referências
  - Pessoas: Jean-Paul Sartre; Antoine Roquentin; George Gershwin; Dubose Heyward; Clara Nunes; Karl Marx; Sigmund Freud; Charles Darwin; Nelly Sachs; Carlos Drummond de Andrade; Darcy Damasceno; Jorge Luis Borges; Ascenso Ferreira.
  - Obras: *Some of these days*, de Ella Fitzgerald; *Porgy and Bess*, de George Gershwin; *Zorba, o Grego*, de Michael Cacoyannis; *Ascese*, de Kazantzakis; *Disritimia*, de Martinho da Vila; e *Rabbi bem Ezra*, de Robert Browning.

## 22) O “enfant sauvage” de Illich numa sociedade sem escolas

- Data de publicação: 4 de outubro de 1975.
- Seção do periódico: Livro, coluna “Mercado”, página 2.
- Ano e número do periódico: ano 85; número 179.
- Título e autor da obra resenhada: *O enfant sauvage de Illich numa sociedade sem escolas*, de Lauro de Oliveira Lima.
- Assunto principal: Educação.
- Assuntos secundários: Literatura. Romance de educação. Recursos pedagógicos.
- Referências
  - Pessoas: Albert Camus; François Charles Mauriac; Máximo Gorki; Graciliano Ramos; Ivan Illich; Edmund Husserl; e Marshall McLuhan.
  - Obras: *São Bernardo*, de Graciliano Ramos; *A última porta*, de Elisa Lispector; *Sociedade sem escolas*, de Ivan Illich; e *Ratos e Homens*, de John Steinbeck.

## 23) Uma civilização de desodorantes e o sábio

- Data de publicação: 4 de abril de 1975.
- Seção do periódico: Caderno B, coluna “Livros”, página 7.
- Ano e número do periódico: ano 85; número 358.
- Título e autor da obra resenhada: *Satã em Gorai*, de Isaac Bashevis Singer.

- Assunto principal: Sabedoria.
- Assuntos secundários: Burrice. Antropologia. Ciência. Gnoseologia. Religião.
- Referências
  - Pessoas: Roman Polanski; Alfred Deller; Thomas Mann; Hermann Hesse; Sabatai Zevi; e Simone Weil.
  - Obras: *Figuras e ideias da Filosofia da Renascença*, de Rofolfo Mandolfo; *Imago Hominis*, de Von Gebattel; *O mágico de Lublin*, de Isaac Bashevis Singer; *O Escravo*, de Isaac Bashevis; *Velho Testamento*; *Contos de Odessa*, de Isaac Babel; e *Madre Joana dos Anjos*, de Jerzy Kawalerowicz.

#### **24)Filosofia: nem só de cão vive um lobo**

- Data de publicação: 26 de setembro de 1976
- Seção do periódico: Caderno B, seção “Livro”, página 8.
- Ano e número do periódico: ano 86; número 171.
- Título e autor da obra resenhada: *Horizonte e complementariedade*, de Eudoro de Sousa.
- Assunto principal: Filosofia americana.
- Assuntos secundários: Problema lógico. Religião. Mitologia grega. Significante e significado. Pensamento. Sexualidade. Gnoseologia.
- Referências
  - Pessoas: Evaldo Gouveia; Jair Amorim; Jair Rodrigues; Jamelão; Juan Carlos Hurtado; Carlos Velloso; Edmund Husserl; Edith Stein; Antônio Carlos Villaça; Pablo Picasso; Rainer Maria Rilke; Jacques Maritain; Emmanuel Mounier; Henry Miller; Maurice Maeterlinck; Sonny; e Empédocles.
  - Obras: *Macário (Lleno en llamas)*, de Juan Rulfo; *Existe una filosofía de nuestra américa?*, de Augusto Salazar Bondy; *biografia de Olga de Alaketo*; *O riso do rato*, de Samuel Rawet; *As Velhas*, de Adonias Filho; *Místicos, Poetas e Filósofos*, de Antônio Carlos Villaça; e *Um dia de cão*, de Sidney Lumet.

## 2.2. Índice de autores

O presente índice foi elaborado com base no trabalho de Santos (2011) e teve como principal objetivo a disponibilização, de modo direto e simplificado, das referências presentes nas obras de Samuel Rawet durante o período em que colaborou eventualmente no *Jornal do Brasil*. Os nomes aqui elencados – escritores, dramaturgos, cineastas, filósofos, personalidades históricas e religiosas, pintores, etc. – dão uma visão da diversidade de leituras e intertextualidades que compõem esses textos e criam para o autor uma personalidade bastante erudita. Os nomes aqui listados foram mencionados diretamente, em citações a obras de terceiros e em passagens em que ficam implícitos (como é o caso de Karl Marx, em “A mistificação do proletariado”: “O grande economista, e talvez filósofo, burguês alemão que morava muito bem em Londres, se vivo andaria bem satisfeito”).

A variedade das figuras apresentadas poderia levar a diversos caminhos de estudo e interpretação da obra rawetiana, já que autores como Kafka são mencionados nesses e em outros trabalhos do autor. Contudo, muitos nomes são utilizados apenas a título de ilustração, ainda que adequadamente a seu contexto, por isso é evidente que nem todas serviram como influência para o autor. O trecho a seguir, em que o nome do compositor é mencionado, mas não é central no enunciado, exemplifica isso: “O jeito foi comer um frango ao molho pardo no Senhor do Bonfim, boteco de respeito de entre quadra de Brasília, que tem ainda digna de menção uma sopa de repolho com tanto entulho que só pode ser a que inspirou *João da Baiana* num samba antigo” (RAWET, 1975b, grifo nosso).

### **A**

AGOSTINHO, Santo.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

AGNON, Shmuel Yosef.

O socialismo utópico de Martim Buber (26/8/1972).

ALEICHEM, Scholem.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

AMADO, Jorge.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

AMORIM, Jair.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

ANDRADE, Carlos Drummond de.

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

AQUINO, São Tomás de.

A inutilidade dos anjos ou os equívocos da lógica (30/9/1972).

ARISTÓTELES.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

ARRABAL, Fernando.

Pliplaimundo, ora essa, um galo que fala? (8/3/1975).

ASSIS, Machado de.

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

ARTAUD, Antonie.

Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos (30/6/1973).

AVICEBRON (Ibn Gabirol)

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

## **B**

BACH, Johann Sebastian.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

BACHELARD, Gaston.

O socialismo utópico de Martim Buber (26/8/1972).

BAIANA, João da.

Pliplaimundo, ora essa, um galo que fala? (8/3/1975).

BEAUVOIR, Simone de.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

BECKETT, Samuel.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

BINSWANGER, Ludwig.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

BLOCH, Ernest.

“A falha”, um teorema demonstrado (28/4/1973).

BLOOM, Molly.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

BOLL, Heinrich.

Os rojuks e o pão da miséria (14/7/1973).

BORGES, Jorge Luis.

“A falha”, um teorema demonstrado (28/4/1973).

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

BOURBAKI, Nicolas.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

BRECHT, Bertold.

Pliplaimundo, ora essa, um galo que fala? (8/3/1975).

BRITO, Farias.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

BROMA.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

BUBER, Martin.

Uma estrutura ôntica, a molecagem (29/7/1972).

O socialismo utópico de Martim Buber (26/8/1972).

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

BUDA.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

BUTOR, Michel.

“O jogo da Asa da Bruxa” ou antinovela e intriga (31/3/1973).

BUXTEHUDE, Dietrich.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

BUZZI, Arcângelo R.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

## C

CAMARGO, Sérgio de.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

CAMUS, Albert.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

O “enfant sauvage” de Illich numa sociedade sem escolas (4/10/1975).

CANTOR, Georg.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

CAPOTE, Truman.

Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos (30/6/1973).

CAVAFIS, Constantino.

Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária (30/10/1971).

“A falha”, um teorema demonstrado (28/4/1973).

CAVAQUINHO, Nelson.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

CAYMMI, Dorival.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

CHAGALL, Marc.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

CHAPLIN, Charles.

“A falha”, um teorema demonstrado (28/4/1973).

CHARCOT, Jean-Martin.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

CHAUDILL, William Abel.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

CHUANG-TZU.

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

CLASTRES, Pierre.

“O jogo da Asa da Bruxa” ou antinovela e intriga (31/3/1973).

COOPER, David.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

CORMAN, Roger.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

COSTA, Lúcio.

Um vagabundo contra todos os dogmatismos (27/11/1971).

COTTARD.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

CRISTO, Jesus.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

CUNHA, Fausto.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

## D

DALI, Salvador.

“A falha”, um teorema demonstrado (28/4/1973).

DAMASCENO, Darcy.

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

DARWIN, Charles.

Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária (30/10/1971).

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

DEDALUS, Stephen.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

DELLER, Alfred.

Uma civilização de desodorantes e o sábio (4/4/1975).

DICKINSON, Emily.

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

DR. CASTEL.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

## E

ÉDIPO.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

ELIADE, Mircea.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

EMPÉDOCLES.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

ENGELS, Friedrich.

O socialismo utópico de Martim Buber (26/8/1972).

ÉSQUILO.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

EURÍPEDES.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

## **E**

FAULKNER, William.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

FEDERMAN (Filho de um dos sócios da cadeia de hotéis Dan, em Israel)

O socialismo utópico de Martim Buber (26/8/1972).

FELLINI, Federico.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

“A falha”, um teorema demonstrado (28/4/1973).

FENICHEL, Otto.

Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos (30/6/1973).

FERREIRA, Ascenso.

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

FREUD, Sigmund.

A misti-mitificação do proletariado (14/2/1970).

O socialismo utópico de Martim Buber (26/8/1972).

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

## **G**

GABRIEL, Leo.

A inutilidade dos anjos ou os equívocos da lógica (30/9/1972).

GARCIA, J. Alves.

Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos (30/6/1973).

GENET, Jean.

Pliplaimundo, ora essa, um galo que fala? (8/3/1975).

GERSHWIN, George.

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

GOETHE, Johann Wolfgang Von.

Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária (30/10/1971).

GORING, Hermann.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

GORKI, Máximo.

O “enfant sauvage” de Illich numa sociedade sem escolas (4/10/1975).

GOUVEIA, Evaldo.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

GRAND, Joseph.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

GROSSMANN, Judith.

Judith Grossmann, um mergulho no caos organizado (26/6/1971).

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

## H

HEGEL, Friedrich.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

HEGENBERG, Leônidas.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

HEIDEGGER, Martin.

Uma estrutura ôntica, a molecagem (29/7/1972).

A inutilidade dos anjos ou os equívocos da lógica (30/9/1972).

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

HEINE, Heinrich.

Os rojuks e o pão da miséria (14/7/1973).

HERÁCLITO.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

HESSE, Hermann.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

Os rojuks e o pão da miséria (14/7/1973).

Uma civilização de desodorantes e o sábio (4/4/1975).

HEYWARD, Dubose.

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

HITLER, Adolf.

A misti-mitificação do proletariado (14/2/1970).

HÖLDERLIN, Friedrich.

Os rojuks e o pão da miséria (14/7/1973).

HURTADO, Juan Carlos.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

HUSSERL, Edmund.

A inutilidade dos anjos ou os equívocos da lógica (30/9/1972).

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

O “enfant sauvage” de Illich numa sociedade sem escolas (4/10/1975).

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

## I

IANIÃO

Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária (30/10/1971).

ILLICH, Ivan.

O “enfant sauvage” de Illich numa sociedade sem escolas (4/10/1975).

IONESCO, Eugène.

Pliplaimundo, ora essa, um galo que fala? (8/3/1975).

## J

JAMELÃO.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

JASPERS, Karl.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

Uma estrutura ôntica, a molecagem (29/7/1972).

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos (30/6/1973).

JEOVÁ.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

JONES, Maxwell.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

JUNG, Carl Gustav.

O socialismo utópico de Martim Buber (26/8/1972).

Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos (30/6/1973).

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

## K

KAFKA, Franz.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

KANT, Immanuel.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

KIERKEGAARD, Søren.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

KLEIST, Heinrich von.

Os rojuks e o pão da miséria (14/7/1973).

KRAJCZBERG, Frans.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

## L

LAPLACE, Pierre-Simon.

Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos (30/6/1973).

LAUTRÉAMONT, Conde de.

“A falha”, um teorema demonstrado (28/4/1973).

LAWRENCE, David Herbert.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

LÉVI-STRAUSS, Claude.

Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária (30/10/1971).

LISPECTOR, Clarice.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

“O jogo da Asa da Bruxa” ou antinovela e intriga (31/3/1973).

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

LONDON, Jack.

Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária (30/10/1971).

## M

MACHADO, Aníbal.

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

MAETERLINCK, Maurice.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

MALAMUD, Bernard.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

MALINOWSKI, Bronislaw.

Os rojuks e o pão da miséria (14/7/1973).

MANN, Thomas.

Uma civilização de desodorantes e o sábio (4/4/1975).

MAOMÉ.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

MARCEL, Gabriel.

Uma estrutura ôntica, a molecagem (29/7/1972).

MARITAIN, Jacques.

Uma estrutura ôntica, a molecagem (29/7/1972).

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

MARX, Karl.

A misti-mitificação do proletariado (14/2/1970).

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

O socialismo utópico de Martim Buber (26/8/1972).

A inutilidade dos anjos ou os equívocos da lógica (30/9/1972).

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

MAURIAC, François Charles.

O “enfant sauvage” de Illich numa sociedade sem escolas (4/10/1975).

McLUHAN, Marshall.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

O “enfant sauvage” de Illich numa sociedade sem escolas (4/10/1975).

MENININHA, Mãe.

Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos (30/6/1973).

MERSAULT.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

MEYER, Ernest.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

MILLER, Henry.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

MINKOWSKI, Hermann.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

MOORE, Henry.

“A falha”, um teorema demonstrado (28/4/1973).

MOLLE.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

MOTA, Octanny Silveira de.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

MOUNIER, Emmanuel.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

## **N**

NEMECSEK, Ernő.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

NIEMEYER, Oscar.

Um vagabundo contra todos os dogmatismos (27/11/1971).

NIETZSCHE, Friedrich.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

NUNES, Clara.

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

## **O**

OGUM, Saravá.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

## **P**

PANÇA, Sancho.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

PANELOUX, Father.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

PARMÉNIDES.

A inutilidade dos anjos ou os equívocos da lógica (30/9/1972).

PASCAL, Blaise.

Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos (30/6/1973).

PASTEUR, Louis.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

PEREZ, Renard.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

PIAGET, Jean.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

Pliplaimundo, ora essa, um galo que fala? (8/3/1975).

PICASSO, Pablo.

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

PIÑON, Néida.

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

PIRANDELLO, Luigi.

Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos (30/6/1973).

PLATÃO.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

POE, Edgar Allan.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

POLANSKI, Roman.

Uma civilização de desodorantes e o sábio (4/4/1975).

PRATOLINI, Vasco.

Os rojuks e o pão da miséria (14/7/1973).

PRICE, Vincent

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

## **Q**

QUEIROZ, Dinah Silveira de.

Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária (30/10/1971).

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

## **R**

RAMBERT, Raymond.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

RAMOS, Graciliano.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

O “enfant sauvage” de Illich numa sociedade sem escolas (4/10/1975).

RATINHO & Jararaca.

Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária (30/10/1971).

RIEUX, Doctor Bernard.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

RILKE, Rainer Maria.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

ROBBE-GRILLET, Alain.

“O jogo da Asa da Bruxa” ou antinovela e intriga (31/3/1973).

RODRIGUES, Jair.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

ROQUENTIN, Antoine.

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

ROSMAN, Karl.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

RULFO, Juan.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

## **S**

SACHS, Nelly.

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

SAMSA, Gregor.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

SARGENTELLI, Osvaldo.

A recriação de Chagall em uma novela híbrida (16/12/1972).

SARTRE, Jean-Paul.

Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária (30/10/1971).

Uma estrutura ôntica, a molecagem (29/7/1972).

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística (19/7/1975).

SÓCRATES.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

SÓFOCLES.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

SONNY.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

SOUSA, João da Cruz e.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

SMITH, John.

“O jogo da Asa da Bruxa” ou antinovela e intriga (31/3/1973).

SPINOZA, Baruch.

O socialismo utópico de Martim Buber (26/8/1972).

STEIN, Edith.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

## **I**

TADEU, São Judas.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

TARROU, Jean.

Graciliano, a melhor tradução de “A peste” (26/5/1973).

TILLICH, Paul.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

TUTUOLA, Amos.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

## **U**

## **V**

VELLOSO, Carlos.

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

VILLAÇA, Antônio Carlos.

“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo (18/1/1975).

Filosofia: nem só de cão vive um lobo (26/9/1976).

VAN GOGH, Vincent.

Kafka ou um animal chamado escritor (28/8/1971).

## W

WALLACE, Alfred Russel.

Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária (30/10/1971).

WASSERMANN, Jacob.

Os rojuks e o pão da miséria (14/7/1973).

WEIL, Simone.

Uma civilização de desodorantes e o sábio (4/4/1975).

WENDHAUSEN, Walter.

Capim para dois, Herr Doktor (27/1/1973).

WIENER, Norbert.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

WOOLF, Virgínia.

“A falha”, um teorema demonstrado (28/4/1973).

WOTAN.

Os rojuks e o pão da miséria (14/7/1973).

## X

## Y

## Z

ZAFIROPULO, Jean.

A coragem de ser esfinge (24/2/1973).

ZARATUSTRA.

Uma primeira aula real de filosofia (2/12/1972).

ZEVI, Sabatai.

Uma civilização de desodorantes e o sábio (4/4/1975).

### 3. Considerações Finais

O presente trabalho buscou divulgar a produção não ficcional publicada por Samuel Rawet no *Jornal do Brasil* na década de 1970. Sua realização, que se iniciou com a coleta de contos do autor não publicados em livro, teve o foco redirecionado pela quantidade e pela riqueza dos textos publicados nesse periódico. Sua realização agregou conhecimentos tanto em relação à pessoa de Samuel Rawet quanto em relação à literatura nacional, já que, ao revisitar os suplementos literários, foi possível descobrir também diversos acontecimentos da vida do escritor – para além da solidão criada em torno de sua obra e de sua personalidade – e percorrer parte da história literária do nosso país, na qual os suplementos e revistas literárias são ponto de parada obrigatória.

Aliás, os suplementos literários permeiam toda a trajetória de Samuel Rawet, seja pelas participações em concursos e colaborações com artigos e peças teatrais do início de carreira, seja pelas apreciações críticas que suas obras receberam, sobretudo após a publicação de *Contos do Imigrante*, feitas por grandes nomes como Hélio Pólvora e Assis Brasil, e que, nesse contexto do jornalismo cultural, eram “verdadeiros formadores de opinião, responsáveis pelo sucesso ou o fracasso de obras e autores” (SANTIAGO, 1993, p. 15).

Ainda que tenha colaborado ininterruptamente apenas no Suplemento *Letras e Artes*, o panorama feito acerca de sua participação na imprensa carioca permitiu que se testificasse da influência e prestígio do autor, principalmente por sua participação nos suplementos literários dos jornais diários de maior circulação no País, nos quais publicou ao lado de autores como Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade. Também nesse ponto verificou-se a grande quantidade de textos de autor não publicados em livro, sobretudo os que se referem ao teatro, e que, talvez, por isso ainda permaneçam desconhecidos de seu público.

Já em relação aos textos do *Jornal do Brasil*, a constatação inicial se deteve na dificuldade em classificá-los, seja como ensaio ou como resenhas, justamente por serem limítrofes, entre a crônica, o artigo, a resenha e o ensaio. Além disso, há que se destacar a complexidade inerente a eles, não de linguagem, mas de pensamento, criada pela junção de temas e de referências, na maior parte de filósofos. Apesar disso, foi possível identificar temas recorrentes entre eles, que conversam entre si e com outros ensaios publicados, como “Kafka e a mineralidade

judaica ou a tonga da mironga do kabuletê” e “Drummond: o ato poético”, ambos constantes da antologia de ensaios organizada por José Leonardo Tonus e Rosana Kohl Bines, mas publicados originalmente no *Suplemento Literário Minas Gerais*.

Além disso, a leitura e catalogação desses textos, como forma de facilitar seu contato com o público, gerou uma lista de nomes referenciados por Rawet. É certo que nem todos constituem figuras relevantes para a compreensão de sua obra, mas, pelo menos os mais citados, tais como o filósofo Martin Buber e o escritor Franz Kafka, podem ser colocados nesse patamar, ainda carente de estudos mais aprofundados. De todo modo, essas referências, quer como influência, quer como uma simples menção, revelam o nível de erudição do escritor.

Por último, é necessário ressaltar que o desenvolvimento deste trabalho aponta para a possibilidade de pesquisas posteriores a esta que, por sua originalidade, configura-se como um estudo descritivo e exploratório. Um aprofundamento dele, incluindo uma análise dos textos isoladamente ou em comparação com os autores identificados, poderia resultar num estudo bem mais completo e expressivo. Também poderiam ser realizados estudos comparativos entre as diferentes versões de uma obra, publicada inicialmente nos suplementos literários e republicada em livro posteriormente. Enfim, novas possibilidades, para mim ou para outros, das quais se espera que este trabalho seja ao menos um instrumento de pesquisa ou uma orientação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de, et al. **A imprensa em transição: O jornalismo brasileiro nos anos 50**. 1 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. 200 p.
- BINES, Rosana Kohl; TONUS, José Leonardo (Org.). **Samuel Rawet: ensaios reunidos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008. 291 p.
- COSTA, Flávio Moreira da. Rawet fala de Rawet. **Correio da Manhã**. 18 jun. 1972.
- HOHLFELDT, Antonio. Jornalismo cultural: uma perspectiva. **Continente Sul Sur**, Porto Alegre, n. 2, p. 57-64, nov. 1996.
- KIRSCHBAUM, Saul. **Ética e literatura na obra de Samuel Rawet**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- MEMÓRIA BN. **Biblioteca Nacional - Hemeroteca Digital Brasileira**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 02 mar. 2018.
- NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas**. 1ed. São Paulo: Summus Editorial, 2007.
- RANZOLIN, Célia Regina. **Clarice Lispector cronista: no Jornal do Brasil (1967-1973)**. 1985. Dissertação (Mestrado em Curso de Pós-Graduação em Literatura) – Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, da Universidade Federal de Santa Catarina.
- RAWET, Samuel. A cova do Diabo. **A cigarra**, São Paulo, fev. 1949a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/44201>. Acesso em: 02 mar. 2018.
- \_\_\_\_\_. O balanço. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 8 mai. 1949b. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_05/47136](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/47136). Acesso em: 02 mar. 2018.
- \_\_\_\_\_. Domingo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 9 jul. 1950. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/3764](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/3764). Acesso em: 02 mar. 2018.
- \_\_\_\_\_. O dono da multidão. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 29 jul. 1951a. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/11034](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/11034). Acesso em: 02 mar. 2018.
- \_\_\_\_\_. Toada de Jeremias. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 9 set. 1951b. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093092\\_04/10503](http://memoria.bn.br/DocReader/093092_04/10503). Acesso em: 02 mar. 2018.
- \_\_\_\_\_. A sopa. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 7 out. 1951c. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/12384](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/12384). Acesso em: 02 mar. 2018.
- \_\_\_\_\_. O dote. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 21 jun. 1953. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/25125](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/25125). Acesso em: 02 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. A visita. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1953. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093092\\_04/21445](http://memoria.bn.br/DocReader/093092_04/21445). Acesso em: 02 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. A misti-mitificação do proletariado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 fev. 1970. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_09/2266](http://memoria.bn.br/docreader/030015_09/2266). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Judith, um mergulho no caos organizado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1971a. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/34942](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/34942). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Kafka ou um animal chamado escritor. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1971b. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/39121](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/39121). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 out. 1971c. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_09/43192](http://memoria.bn.br/docreader/030015_09/43192). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Um vagabundo contra todos os dogmatismos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 nov. 1971d. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/45132](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/45132). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Uma estrutura ôntica, a molecagem. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jul. 1972a. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/62760](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/62760). Acesso em 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. O socialismo utópico de Martim Buber. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1972b. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/65102](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/65102). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. A inutilidade dos anjos ou os equívocos da lógica. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 set. 1972c. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/68348](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/68348). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Psicologia? “Falou.” Tou na tua, bicho. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 out. 1972d. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/70837](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/70837). Acesso em 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Uma primeira aula real de filosofia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 dez. 1972e. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/73837](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/73837). Acesso em 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. A recriação de Chagall em uma novela híbrida, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1972f. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/75153](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/75153). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Capim para dois, Herr Doktor. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 jan. 1973a. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/77726](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/77726). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. A coragem de ser esfinge. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1973b. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/79270](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/79270). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. “O jogo da Asa da Bruxa” ou antinovela e intriga. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 mar. 1973c. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/81288](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/81288). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. “A falha”, um teorema demonstrado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 abr. 1973d. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/82952](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/82952). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Graciliano, a melhor tradução de “A peste”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 mai. 1973e. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/84771](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/84771). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jun. 1973f. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/86957](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/86957). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Os rojuks e o pão da miséria. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1973g. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/87925](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/87925). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. “Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 jan. 1975a. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/116973](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/116973). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Pliplaimundo, ora essa, um galo que fala?. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 mar. 1975b. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/119147](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/119147). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 jul. 1975c. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/125535](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/125535). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. O “enfant sauvage” de Illich numa sociedade sem escolas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 out. 1975d. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/129163](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/129163). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Uma civilização de desodorantes e o sábio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 abr. 1975e. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/137964](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/137964). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Filosofia: nem só de cão vive um lobo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 set. 1976. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/148052](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/148052). Acesso em: 24 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Drummond: o ato poético. **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, 3 abr. 1977. Disponível em: <http://150.164.100.248/WebSupLit/exbGer/exbSup.asp?Cod=12054804197703>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SANTIAGO, Silvano. Crítica Literária e jornal na Pós Modernidade. **Aletria**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 11-17, out. 1993. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1076/1176>. Acesso em: 24 jun. 2018.

SANTOS, Rosângela Felício Dos. **Osman Lins e o suplemento literário d'O Estado de São Paulo (1956-1961)**: Cotejos com sua obra ficcional. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SEFFRIN, André (Org.). **Samuel Rawet**: contos e novelas reunidos. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004, 487 p.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**: Os Suplementos Literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. 1 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 162 p.

## ANEXOS<sup>7</sup>

### A misti-mitificação do proletariado

Sou homem de poucas leituras e autor de poucos livros, magros. Detesto os calhamaços. E há sete anos, levado por circunstâncias especiais, não tão líricas, resolvi começar meu aprendizado de vida. E comecei pelo que hoje me parece mais difícil, comecei pelo que geralmente vem no fim: comecei a aprender *a aprender*. Mas gosto de livros dos outros, nem sempre para folhear, às vezes para olhar. Há coisas que aprendo por osmose, outras que não preciso aprender porque não quero. Olho o título e começo a imaginar o que se poderia fazer com as palavras. Reaprendi dolorosamente a brincar. E ainda não acabei, estou no início, engatinhando, da coisa mais perigosa que existe hoje: *pensar*. Circunstâncias particulares me levaram a uma espécie de vagabundagem da consciência. Espero, com o tempo, atingir um outro nível, a vagabundagem do pensamento. Um parêntesis. Eu me adoro. Sou de um narcisismo total. E profundamente egoísta. Por isso comecei este trabalho com um título entre experimental e pedante de modo quase brejeiro, num ensaio do que não chega a ser ironia. Esse amor profundo e total que tenho a mim mesmo, diria absoluto, se não estivesse empenhado numa relativização da consciência e do pensamento, me leva a querer dizer certas coisas, baseado apenas naquilo que *eu* acho, e que de modo embrionário *penso*. Mesmo que a opinião e o pensamento venham a coincidir depois com a opinião e o pensamento de alguns milhões de homens, ou bilhões, que me antecederam. Entre outras coisas acho que é muito importante o direito de conquistar o direito de ser besta, pedante, presunçoso, arrogante. Ninguém nasce humilde num estalo. A humildade também se aprende, e a que preço! Quantos vigaristas da humildade se encontram a caminho! E confesso que tendo ao lado uma edição popular de um elogio da loucura, escrito por um holandês, meu grande sonho, minha utopia, é depois de ler e folhear todos os livros, *se vida tivera*, rasgá-los todos e ir para a rua. Rasgar, porque as edições hoje são imensas, e renovar a biblioteca é apenas questão de dinheiro. Rasgar, também, para não cair na outra latria, a bibliolatria. Se houver alguma obra esgotada, ótimo, inicia-se uma campanha para reedição de obras esgotadas. E depois de tudo isto, de vagar pelas ruas e de ter um contato direto com os homens e com as coisas, depois de mergulhar com maior ou menor delicadeza as mãos em matéria não tão odorífera mas nem por isso menos humana, posso me permitir o direito de gozar com a visão de uma obra rara. É o sentido da temporalidade que surge. Da História, com H maiúsculo.

E penso de novo no Largo do Machado, ao querer continuar este trabalho. Hoje é sábado, e vim de lá há pouco. Ia ruminando ideias, ruminando mesmo, porque como mamífero não sei o que me impede de ser quadrúpede. Não tenho quatro patas? Ou é questão de nomenclatura. Vinha ruminando ainda na coragem necessária para afirmar certas coisas. Gosto da rua, amo a rua. A espontaneidade do homem da rua me fascina. Às vezes, a famosa verve carioca me dá o prazer do

---

<sup>7</sup> Todos os direitos reservados ao Jornal do Brasil e à família de Samuel Rawet.

orgasmo. Tudo vale. A profunda seriedade da piada é o seu desrespeito total por valores e hierarquias, é a profunda seriedade da criança que brinca, e brincando afirma a sua liberdade num mundo que tudo faz para lhe tolher a espontaneidade e aumentar a intensa angústia de ser como criança, virtualidade, potencialidade, possibilidade, abertura e tremenda angústia do crescimento orgânico. Outras teorias existem. Localizam essa angústia na boca e em outros lugares que o pudor me impede de mencionar. Eu já ia usar uma expressão de baixo calão, ou alto, quando me lembrei de que remeti para um dos supramencionados lugares. E a lembrança salvou a dignidade, e o estilo. No Largo do Machado havia um homem caído sobre a calçada. Descalço, a roupa em petição de miséria, veremos depois o porquê do lugar-comum, a barba crescida, o homem dormia ou estava morto. Deixo de lado as especulações que me vieram sobre a santidade, da qual todas as *ciências* modernas me livram (tive vontade de me debruçar e beijar o homem, levá-lo ao hotel em que resido, dar-lhe banho, roupa, comida e dinheiro. Felizmente recuei a tempo. Tudo não passaria de um vulgar exibicionismo, produto de um *profundo* sentimento de culpa, aliado a um sentimento sexual não muito velado e não muito lisonjeiro. Estavam salvos de novo a minha integridade moral e o meu equilíbrio social. Eu ia de novo na vertical e macho (que psicose de macheza corre por aí), macho mesmo. Ou será que macho com M maiúsculo, com M de maricas, como escreveu o famoso humorista que escreveu a respeito de um boneco italiano que andou pela praça?). Se eu acreditasse num deus que ajuda a conservar a saúde, a melhorar o salário, a acertar na loteria e a mandar para o inferno todos os inimigos que tenho, ainda haveria uma saída. Mas não acredito, acredito no inferno. *E o inferno sou eu. Eu sou o inferno.* Apenas um detalhe. Não vejo por que recusá-lo, fugir dele, se a fuga representa uma fuga de mim mesmo. O santo africano que andou contando as safadezazinhas de infância e adolescência em memórias que são produto de pura vaidade, no auge da dor, referindo-se ao ente supremo, perguntou: quando de ti me afasto para onde vou senão de ti próximo para de ti distante (cito de memória como sempre adulterando). Eu repito: quando de mim me afasto para onde vou senão de mim próximo para mim distante. Me parece que é o que ocorre com a alienação. E a palavra *alienação* me leva de novo ao homem caído no Largo do Machado.

O grande economista, e talvez filósofo, burguês alemão que morava muito bem em Londres, se vivo andaria bem satisfeito. Uma vitória pelo menos ele conseguiu: difundiu um vocabulário. Porque no resto parece que falhou. Falhou em tudo. Como nunca ando certo das coisas, como sou neurótico e paranoico, ainda não tenho muita segurança em afirmar isto. Falta-me a descontração da piada popular, e já cresci demais para agir como criança quando se irrita com os adultos, isto é, dá um safanão em coisa ou pessoa e recolhe-se ao seu mundo próprio. Minha responsabilidade de adulto e a profunda seriedade e compostura que devo aparentar me impedem de escorregar. E vou firme! Mas vejamos bem: o homem, falo do economista burguês judeu alemão, previu mudanças sociais em determinados países e as mesmas coisas ocorreram em países de situação oposta, previu com a rigidez de suas leis *científicas* o processo inevitável da História, e hoje um país fechado em que tudo deveria ser de todos, e ninguém de ninguém, altera

seus princípios econômicos, *científicos*, e importa uma fábrica de automóveis completa, com homens inclusive. O que faz pensar numa falta de homem (escorreguei, ou desmunhequei, como dizem por aí os revolucionários de Ipanema e outros pasquins). O que houve, me parece, é que toda geração tem os seus napoleõezinhos, na rua e no hospício. Aparece um de cavanhaque ali, e levados por um profundo ódio *inconsciente* ao pai resolvem virar a canoa. Estranho que o homem que andou mexendo com inconscientes e com outras coisas fosse também alemão. E que alemão também fosse um histórico de bigode de largura do nariz e pastinha fresca na testa. Aliás, os três juntos me dão uma ideia do homem alemão. Ou do homem?

Agora, no hotel, de *robe* (uso burguesmente um *robe de chambre*, coisa que fiz há alguns anos quando em um hotel de luxo sobre o Mediterrâneo, em companhia de um gênio brasileiro, companhia que me envaidece até hoje, e que me permitiu quase dividir aposentos com uma estrela italiana de primeiríssima grandeza; o marido como sempre era baixo, chato e calvo, principalmente chato), de *robe*, me lembro do homem caído na calçada do Largo do Machado. Mas procuro afastar a ideia. Tenho outras preocupações. De *robe*, penso em dinheiro. No que, aliás, ando certo, bem certo. Penso na falta que me faz o que não tenho. Penso no meu pensamento da falta que me faz o que não tenho, e penso no pensamento de um outro homem que pensa o meu pensamento da falta que me faz o que não tenho. Mas o homem do Largo do Machado insiste. Caído, esfarrapado. É um chato, evidentemente! Um grande chato! Preciso escrever urgentemente o trabalho planejado a algumas semanas: *A Fenomenologia do Chato*.

Agora, no hotel, de *robe*, penso em dinheiro. E pensar é terrível, incomoda. Seria tão simples o contrário. Eu *quero*. Acabou-se. Mas *Eu quero é fogo*. *Eu* então nem se fala! Pensar é... caído na calçada do Largo do Ma. É impossível! Chatura! Pensar é relativizar a consciência e o produto da consciência, é não permanecer numa eidetização absoluta ou absolutização eidética, é... caído na calçada do Largo do. Assim não vai. Assim é impossível pensar! Essa insistência perturba, domina, invade o campo da percepção, absolutiza. Não terá acontecido a mesma coisa com o pensamento do economista alemão. Esclerosado. Absolutizado. E negado na prática com o cinismo habitual das razões de estado. Neoburgueses esquecidos de sua origem, ou não tão esquecidos, num impulso não previsto pelo economista e pelo grupo que o endeusava, usando o mesmo argumento cínico do é *preciso ver a realidade das coisas*, já gasto, depois de mitificar o burguês, num impulso um pouco fora dos quadros da economia, seja ela política ou o quê, impulso estudado pelos psicólogos e que tem não sei bem se o nome de ecolalia ou ecopraxia, ou os dois, num impulso muito humano (a frase está longa e labiríntica), num impulso desses recorrem de repente quase que à mesma linguagem. O que leva de novo à ambiguidade, a valor, a consciência. A consciência. Quanta besteira já se disse em nome dela! Santa consciência! E como se não bastasse inventariam depois o inconsciente, que é um bom nome para ignorante ou a hipocrisia. Valor. Consciência. Ambiguidade. Antigamente falava-se muito em espírito. Mas espírito é metafísica, e a metafísica está morta. Ou pensam que está. Como eu penso que o

homem do Largo do Machado talvez esteja. O economista alemão leu bem um outro alemão, este sim, filósofo, mas sendo alemão e filósofo, meio chato. Como invejo essa chatura, eu que penso escrever *A Fenomenologia do Chato*. O outro escreveu um calhamaço ininteligível: a fenomenologia do espírito. Ali ele fala numa teoria do mestre e do escravo. Teria sido entendida? Ou o foi ao pé da letra, como costumam entender as crianças e os idiotas. Falou-se de mais valia, me parece. Mas a noção é tão boa que devia haver uma história atrás. E foi um passarinho pousado na minha imaginação doentia que, nos meus momentos franciscanos, me contou a história de um anjo, ou homem, que era obrigado a trabalhar, porque os anjos, se anjo for, trabalham também; são obrigados a adorar eternamente Deus, a entoar-lhe salmos de louvor. O que é chatíssimo. Esse anjo teria escrito qualquer coisa sobre o assunto, um ano depois de despacharem a rainha que se popularizou por uma frase. Tinha bom gosto. Gostava de bolo. O homem caído na calçada do Largo do Machado. Se ele se levantasse de repente e me agredisse, pura e simplesmente me agredisse, de raiva e de inveja, sem mais nada, sem maiores embromações teóricas, me agredisse porque eu estava bem vestido, porque eu tinha um ar próspero, porque tinha o jeito de quem come e dorme bem, se ele me agredisse, qual seria o meu papel? Dar-lhe razão, é claro, e não deduzir daí, por exemplo, que a arte tem alguma função específica a não ser a da pura gratuidade e do puro jogo das formas, por uma necessidade específica dela, minha e de mais alguém, sempre mais alguém.

Pensando sempre no homem do Largo do Machado constato que tanto para ele como para mim a economia é uma ciência sórdida, qualquer que seja o adjetivo. Esqueceu o homem. E me lembro de uma novela por mim escrita e já entregue ao editor: *Viagem de Ahasverus* à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro, e de um futuro que já passou porque sonhado. Ahasverus, no futuro, encontra uma sociedade imperfeita, injusta, humana, que tem uma estranha ciência denominada Ontonomia. E nem então se vê tranquilo. Os sonhos eram proibidos e, no futuro, havia uma coisa estranha: a Morte Singular.

E a misti-mitificação do Proletariado?

Ué! O título não chega?

E o proletário?

Vive na miséria. Só.

Só. A história toda ainda nem começou. E quanto à petição de miséria, penso na petição de princípios.

### **Judith, um mergulho no caos organizado**

Que livro fértil o de Judith Grossmann. Imagino os mergulhos dos eruditos nesse caos organizado. Estruturalistas. Formalistas. Neo-qualquer coisa aproveitariam a oportunidade para citar búlgaros, russos, turcos, hindus, árabes, ou revelariam a maravilhosa experiência de algum alemão medíocre em articular palavras, medíocre na invenção, medíocre na desarticulação. Deixo isto de lado para dizer apenas algumas coisas que me ocorreram durante a leitura, as várias

leituras simultâneas que fiz, simultâneas porque cada conto são vários contos ao mesmo tempo. E contra os refinados cultores da razão inútil tenho apenas a lembrança de um latinório, talvez errado, de *gustibus non disputandum*. Apenas convém examinar o degustibus. O que escapa quase sempre aos críticos oficiais é um fenômeno elementar: a criação propriamente dita. Ela só chega a eles quando se transforma em convenção.

Acho *O Meio da Pedra* (\*) autêntica criação literária, expressão real do que se pode exigir de uma ficção atual. Talvez a brecha entre a ficção tradicional e a moderna seja a introdução do verdadeiro aspecto da linguagem, verdadeiro no sentido pessoal do criador, uma vez que a linguagem não tem apenas o aspecto social, mas também individual. *O monólogo interior* seria apenas a expressão do diálogo que um autor mantém consigo mesmo, a manifestação da forma parcial de sua consciência, e sobra-lhe o mérito ainda de expor, aproximadamente, a linguagem em sua gênese, linguagem, estrutura significativa e não arbitrária sequência que uma vez transposta para o papel solicita a participação do acaso. Há um tratamento de música dado a linguagem que não tem nada de musical, no sentido melódico. Há uma identidade, me parece, de composição. E este fato não deve parecer estranho, nem tão intencional, para quem está realmente interessado na consciência criadora. O grande equívoco nos derrames melódicos verbais é a vaguidão semântica em relação ao fulcro da história, qualquer que seja. Para criadores como Judith Grossmann a estrutura musical, e não poemática, é precisa, exata, rigorosa. Lamento não entender de música, pois sinto que um trabalho magnífico como *Reporto a Leonardo* daria excelente material de pesquisa no assunto. Às vezes esquecemos que as palavras são sons que se articulam numa leitura silenciosa, e soam, de fato, na consciência com a mesma forma rítmica de uma peça melódica, ouvida antes de composta. Com um acréscimo. *Significam* — o que dói, às vezes. Observo outro trabalho excepcional, *Os Imortais Amantes*. O óbvio. A estrutura da frase perde sua característica rígida, o lógico esquemático é substituído por um lógico interior em que o que se pretende comunicar é exatamente o que se comunica. Isto é, uma estrutura aberta para um leitor interessado num tipo de prosa que lhe ofereça uma abertura. Um leitor que não entende uma prosa desse tipo não entende o que pretende entender. Para esse leitor o conto *A Gata Borralheira* é simplesmente a história de uma jovem, um príncipe, etc. As crianças são mais inteligentes. São cinderelas ou príncipes. Escritores como Judith Grossmann não se preocupam mais com a língua como instrumento de comunicação convencional. Seu interesse vai à forma de consciência linguística pessoal. Defendem valores próprios, nunca os impostos pelo consumo.

Há além disso um outro fator de beleza no livro. O reflexo da dor. Que só os autênticos criadores conseguem elevar à categoria estética.

(\*) *Meio da Pedra: nonas histórias genéticas* - Judith Grossmann, José Álvaro Editor, Rio, 1970, 152 pp. Cr\$ 15,00.

**Kafka ou um animal chamado escritor**

Uma observação fundamental: enquanto gênese e dispersão todas as ideias têm o mesmo valor, a ideia sublime e a ideia sórdida, a ideia de bondade e a ideia de crime. Realmente o zero e o infinito dos orientais são idênticos, mas creio que devo acrescentar alguma coisa para desfazer um equívoco que empanturra muita cabeça de sábio. Zero e infinito são idênticos enquanto *ideia de zero e ideia de infinito*, produtos da consciência humana. Nessa posição considero a filosofia alemã, Kant, Hegel e o pseudofilósofo Marx responsáveis pelo fenômeno alemão *nazismo*. Paradoxalmente o escolhido, por um terrível equívoco de linguagem, foi Nietzsche. O camelo de Nietzsche nunca poderia passar pelo orifício de Goring.

Uma lembrança pessoal: há 10 anos um avião da Europa desceu no Aeroporto do Galeão, e na pista aguardavam-no um carro-forte e uma escolta policial robusta. A carga, segurada em alguns milhões de dólares, eram quadros destinados à Bienal de São Paulo. O pintor, que se suicidou em condições de extrema miséria pessoal, chamava-se Van Gogh. Os candidatos a Onassis se deslumbram com essas histórias exemplares. Os candidatos a outra coisa sentem ânsias de vômito. E vomitam.

As mais-valias e os imperativos categóricos vão de braços dados por alamedas líricas. E a explicação do mundo se identifica com o mundo. Não tenho o mínimo interesse em sujar papel com as batidíssimas incursões pelos mundos kafkianos, e não suporto as frescuras recentes em torno de seu nome e todos os *absurdos* ordenados em função de figuras arquetípicas. Kafka foi um gênio, e como gênio *deu seu recado*, como o comerciante, o industrial, o pintor de paredes, e o motorista dão o deles. Não foi profeta de coisa alguma. Hipersensível, lúcido, assimilou a podridão da cultura europeia, a podridão da cultura austro-húngara, e reelaborou suas ideias com a simplicidade dos simples. Recebeu o seu prêmio, foi devidamente crucificado e hoje deve estar no reino dos céus, beatamente pousado numa nuvem, adorando a Face, enquanto harpas executam músicas de, ia dizer Bach, Buxtehude. Isto segundo os didatas da Lei. Surrealista social, teve o bom senso que outros de sua geração não tiveram: recusou-se ao grito que representou a vocação dos expressionistas, o grito de uma explosão sexual, social, vital. Mas não se recolheu à apatia conformista do rebanho, ao amedrontado ficar quieto para não incomodar nem ser incomodado. Era um estranho animal: escrevia. Na podridão da cultura europeia, sob uma carapaça de técnica que só ilude os imbecis, escolheu o caminho autêntico do homem, o do indivíduo, e encontrou conforto nos místicos, sem cair na absolutização do Logos; em vez da maiúscula, optou pela palavra simplesmente, palavra difícil. Kafka era judeu e vivia em Praga. Escrevia em alemão. Rilke deixou Praga à procura de uma região em que a língua fosse melhor, em que a palavra estivesse menos deturpada em seu poder expressivo. Longe das gramáticas, perto do verbo vivo, com minúsculas tudo, e com o verbo vivo pesquisou o limite do homem — um anjo. Estranho animal esse que se alimenta de palavras, mais estranho ainda quando junto às palavras opta por valores semelhantes aos religiosos, mas que nada tem a ver com hierarquias de demônios. São os homens do *aqui e agora*. Não são desajustados, não são doentes, são apenas a outra face da moeda. São o que são. Claro, poderiam ter sido de outro modo. Mas por

estranhas opções indiferentes à causalidade de uma psicologia grosseira, foram o que foram. Não, o conflito de Kafka não foi o conflito com o pai, como se poderia deduzir da *Carta*, ou de notas do *Diário*, como o conflito dos outros expressionistas não foi da mesma espécie, apesar da pseudo-isenta o homem de sua responsabilidade lançando as origens numa profundidade qualquer que o inocenta diante da mesma sociedade que o condena. O conflito é mais fundo, é o do indivíduo contra o coletivo, é a realidade de um corpo contra a realidade de uma ficção elaborada ao longo dos tempos por algumas sumidades; e o pior, é impossível fugir à realidade da ficção: ela está aí, é onipotente. Estranho animal, o escritor desse tipo. Sabe que as regras do jogo são necessárias à convivência, mas é sensível demais para imbricar no rosto a máscara de uma indiferença para com o outro. São estes os homens que passam a vida inteira olhando o umbigo. Santa inocência. São estes os homens voltados para a vidinha própria e insignificante, como se não fosse a melhor atitude diante da náusea dos manifestos empolados e vazios, diante das grandes palavras oficiosas e humanitárias. Mas estes animais quando olham realmente para o próprio umbigo descobrem tanta coisa sobre umbigos. Os outros, não, têm voo largo. “Minha análise não parte do homem, mas de um período social economicamente dado”, escreveu Marx no tomo III de *O Capital* (notas sobre Wagner). São essas análises partindo do período *economicamente dado* que vão fornecer luzes a todas as justificativas, mesmo absurdas. Num filme exibido sobre o III Reich, os principais sobreviventes se declararam inocentes com uma segurança e uma arrogância que fazem pensar. São essas análises que levam a Auschwitz, essas e um ensino especulativo que faz da ética um labirinto para jogos florais. Na hora certa os homens do período *economicamente dado* sabem utilizar essa dispersão cultural a seu favor. Uma consciência hipersensível do animal chamado escritor o que faz num ambiente destes? Consciência hipersensível como dotada de uma certa forma de percepção do mundo, uma forma um pouco diferente da consciência não criadora. Esse tipo de consciência não se indigna diante da calamidade: ela se imobiliza. Gregor Samsa. A percepção de simultaneidades lhe tolhe o caminho entre liberdade e moira. Se em vez de sair catando arquétipos os psicólogos se preocupassem em determinar formas particulares de consciência, muita besteira poderia ser evitada. Mas em nome de quê? Karl Rosman se integra no grande circo de Oklahoma e o romance fica inacabado. Kafka entendia bem esse fenômeno que Jaspers denominou de *Umbegreifend*.

Kafka era um idiota, a não ser que nos manuais de Zoologia se encontre lugar para um animal chamado escritor. Na ramificação dos primatas, ou dos quadrúpedes. Um homem que escreve, simplesmente. Acho um bom ponto de partida para acabar com muita embromação participante ou alienante. Nessa classe de animais a variedade é imensa. Como os cães, os gatos, os veados. Há o animal cujos valores pessoais coincidem com os valores convencionais: é um vitorioso. Há o animal cujos valores pessoais estão em conflito com os valores convencionais: é um angustiado. Suicida-se, ou escreve um livro sobre angústia.

Esse tipo de animal tem uma preocupação obsessiva: o homem. Parece marafona, para usar um termo em desuso. *O Processo. O Castelo, América*. Um animal, para quem a criação é um modo de manifestar o corpo no mundo, usa a palavra escrita para contar as andanças de um homem que entra, sai, passa. Esse animal não nega Deus, porque não há o que negar. Esse animal percebe a falência da ciência como explicação do mundo, percebe a falência da religião como explicação da existência. Esse animal parece solicitar uma ética centrada no indivíduo, e não nas instituições pomposas. Maniqueísmo, talvez. Um boi e um tigre. Absolutos na sua condição de boi e tigre. Boitigre seria a solução de Sancho Pança. Um ente a mais para o universo platônico.

### *Quem é kafkiano?*

Examinar as possíveis influências kafkianas na literatura brasileira me parece quase inútil. Kafkiano aqui já foi sinônimo de confuso, labiríntico, angustiante, aplicado a autores que, estou quase certo, nunca leram Kafka. O que não tem a mínima importância. Pode-se falar hoje em dispersão kafkiana, uma sequência de conteúdos de consciência produzida por uma vulgarização da obra, e que deixa no ar retalhos de livros, síntese de opiniões, fragmentos autobiográficos, tudo isso compondo uma intimidade aparente com o homem de Praga. Creio que o único livro totalmente kafkiano produzido na América é *Pedro Páramo*, do mexicano Juan Rulfo, numa impressionante abordagem da realidade que habitualmente descambaria para um regionalismo primário. Quando um criador se aproxima, de fato, da consciência humana em qualquer região, as possibilidades de coincidências são bem grandes. Há tempos penso em uma aproximação de *A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado, e de *L'Ivrogne dans la Brousse*, do africano Amos Tutuola. Kafka, Rulfo, Tutuola, este sim é o roteiro de uma literatura popular. A imaginação criadora se identifica com seus próprios recursos e obtém o mesmo resultado do criador de mitos, entre os quais se poderia falar no mito da busca, da procura. Uma figura, um passado, o Santo Graal. Talvez o livro mais kafkiano já produzido no Brasil seja *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Fragmentário, simples, aberto. Real como a fantasia delirante de um homem. Que sabe que delira. O que já é criação.

### **Nós somos bárbaros. Por isso a mitologia é necessária.**

Nós somos os bárbaros. Por isso o poema de Cavafis é belo. Uma consciência primitiva estudando uma consciência primitiva traduz sempre tudo em *nheengatu*, e *nheengatu* significa língua de gente, a língua da gente. Isto por uma questão ontológica que escapa aos compiladores de ontologias. Wallace, contemporâneo de Darwin, se espanta com a perfeição dos pés e das mãos dos selvagens, e se espanta ainda mais com o tamanho de seus cérebros, quase igual ao do de um ser pensante. Como se, depois de determinado nível, tamanho

representasse alguma coisa. Como se, depois de determinado estado, houvesse alguma diferença entre o pensamento de um e de outro.

*lansã é a deusa do raio, o raio é uma descarga elétrica.* Como conteúdos de consciência creio que são bem parecidos. As chamadas operações lógicas, realizadas pela consciência, ou inconsciência, não são muito diferentes. O grande livro de Lévi-Strauss ainda é o seu menor livro *Le Totémisme Aujourd'hui*. Nele ele reduz ao mínimo a sua capacidade mitológica de estudar os mitos. Ao essencial. E a consciência surge nítida e límpida em sua função de criadora de mitemas. Ao fundo nós ainda olhamos para o cérebro humano como os índios das ilhas Fidji na época de Jack London. Antropofagicamente. Com uma variante. O nosso tempero é à base de mostarda e molho de tomate. Dan Sperber (1) analisa bem a posição do pai do estruturalismo em face dos simbolistas e funcionalistas, posição que o leva a encarar a totalidade do mito. É essa visão da totalidade humana que leva o teólogo Jean-Paul Sartre a gritar que atrás dos esquemas de Lévi-Strauss está Deus. Cada um vê no outro o que bem entende. Na hora do grito o escolástico existencialista se revela. Costuma-se colocar o mito como uma forma de explicação do mundo. Creio que é uma forma de compreensão, o que é bem diferente. Exemplifico com um fato real ocorrido na residência de Diná Silveira de Queirós, O padeiro, velho amigo da casa, ao entregar o pão começa a chorar. Isto aconteceu na Revolução de 30. O homem era português, a família ficara na terrinha, e a Revolução, aqui no Brasil, no seu entender, ameaçava seus parentes, em Portugal. A empregada consolou-o. Nada. Deixasse disso, uma coisa nada tinha a ver com a outra. O português chorava. Até que a empregada encontrou um argumento.

— Não se preocupe, nada acontece à sua gente, porque o Brasil é um continente e Portugal um território.

O português deixou de chorar. Havia compreendido.

Cada homem encontra equilíbrio ao ingressar na sua mitologia necessária. Ninguém ainda saiu do estágio mitológico. O máximo, às vezes, a que se chega é compreender isto. A miséria das aproximações antropologia-psicologia me parece decorrer de um fato simples: o mito homem para o próprio homem. Quem não pode com mandinga não carrega patuá (partido alto). As interpretações linguísticas dos mitos, como o mito Terena do tabaco, me lembra uma frase de Jararaca e Ratinho: comeu garrolhê e morreu. Dizer que garrolhê é planta venenosa, carne deteriorada ou marisco em putrefação é possível. Numa análise simbólica a inevitável penetração linguística cria problemas. As estruturas significativas de garrolhê, indo à gênese, são complexas. Os elementos fonêmicos e morfêmicos fazem pensar na relação fundamental entre nome e coisa. Mesa em inglês é table. Antonino Pagliaro observa em *A Vida do Sinal*: “Confundiram a relação entre significante e significado, ou seja, entre valor fônico e valor semântico, com a relação entre o sinal na unidade (significante e significado) e o real, isto é, a coisa designada.” Os mitos não são mitos para os indivíduos que integram a comunidade mítica. Os habitantes fictícios de um plano teórico ignoram a terceira dimensão. Que existe. O que não me obriga a aceitar a existência de uma quarta em que atravessaria paredes sem portas nem janelas. A não ser que sejam paredes inexistentes, que são bem diferentes das

paredes ausentes. Claro? Ou com o pensamento mágico que dizem ser o dos primitivos. Como se as operações da consciência fossem de outra natureza. A causalidade, por exemplo. A relação causa-efeito e uma criação da consciência. Como aplicá-la a própria consciência? Há a ciência, é claro, que me explica globalmente o gesto de agora, isto é, escrever agora. Globalmente. E assim se chega à interpenetração ciência-poesia. E a relação é difícil. Há, às vezes, paródias de Goethe, aqui e ali. A aparente verdade poética numa aparente verdade científica.

“A intimidade do Um está no valor da função num breve, infinitamente instante, liturgicamente oscila entre +1 e 0-1.”

Este tom leva a um problema sério em poesia; o poeta menor assumindo uma aparência de poeta maior. Quando há unidade estética, ética, lógica, na inspiração, o Simples, que é raro, surge:

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do  
caminho tinha uma pedra.

No caso da paródia os resultados são imediatos. Os mortos da gameleira uivam. No caso de garrolhê a explicação de Jararaca é simples: comeu, agarrou a ler, e morreu.

(1) *Estruturalismo e antropologia*, de Dan Sperber, Cultrix, tradução de Amélia e Gabriel Cohn, São Paulo, 1970, 118 p., Cr\$ 8,00.

### **Um vagabundo contra todos os dogmatismos**

Um dia, um suíço que gostava de desenhar, e que por algum motivo tirou o curso de Odontologia, se transformou em vagabundo. Como vagabundo aspirou formas em toda parte, sentiu o fluxo vivo das coisas, compreendeu a inutilidade dos dogmatismos bostas e acadêmicos, aprendeu a reconhecer um outro tipo de vigarista, não catalogado, o vigarista oficial que amparado pela lei e pelos títulos, e ainda por uma ciência onisciente, o vigarista *honesto* que diariamente impinge contos do vigário a qualquer pretensão de abertura e vitalidade. Da massa caótica que a tradição impunha, das tentativas de algumas figuras aqui e ali, como o catalão místico prenhe de fantasias e delírios rigorosamente fiéis à natureza, do remoinho de artes plásticas, que finalmente desfez o equívoco da *imitação*, e que percebeu que ao olhar para uma árvore e desenhar um quadrado estava sendo fiel ao espírito de imitação de duas naturezas, da árvore e da sua, o mesmo acontecendo quando olha para um homem e pinta um borrão da cor de compota de abacate. Dessa massa caótica retirou os elementos necessários para a sua afirmação: e veio o impulso criador. Mas antes disso, bem antes, deve ter redescoberto com espontaneidade uma observação de um velho judeu de Espanha, nunca se pode dizer da existência o que ela é, e sim o que *não é*: da vida conhecemos apenas os atributos negativos, nunca os positivos. É a sua miséria, a sua grandeza. E tendo reconhecido isso pode aceitar sua condição ilusória, e sabendo que errava, sabendo que mentia, pode também ele dizer sobre Arquitetura: Arquitetura é... Hoje, ao refazer um roteiro em que procurei observar o que sobrou dessa vagabundagem através outra vagabundagem, constato melancolicamente que na dispersão do

anonimato, resíduo que determina uma época, o que houve foi a anulação do impulso criador. Salvam-se, como sempre, as singularidades, numa prova evidente, uma vez mais, da coerência da incoerência do espírito rebelde, que nunca se deixou soterrar sob as infinitas capas de uma erudição estéril. O criador parece sempre afirmar: sou muito jovem, tenho apenas cinco mil anos, ou cinco, quem sabe. Da necessidade de organizar um espaço dentro de um esquema de urbanismo, necessidade não tão arbitrária como imaginam alguns, ao tentar impor ao homem um esquema *gratuito de morar*, à satisfação de uma necessidade estética, tão inadiável como qualquer outra exigência corporal, a marca de um caminho que confundiu despojamento com pobreza. E atrás da pobreza ergue um muro de construções teóricas, tão inúteis como os homens que as elaboraram. Folheando *Planejamento Urbano* (\*) penso em um trabalho que gostaria de escrever, *Minha Experiência em Brasília*. Experiência melancólica. Considero hoje Brasília o maior fracasso urbanístico do século. Subitamente, há alguns meses, percebi que o Plano Piloto foi trabalho de um arquiteto, e não de um urbanista. Rendo homenagem ao arquiteto Lúcio Costa, que conseguiu esboçar um cenário magnífico para um IV Reich. E confirmo a impressão que tive em Israel, quando vi Oscar Niemeyer preocupado com praças de sombra e praças de sol. Praças onde os homens se encontram, numa escala humana. A efervescência da complexidade humana em Le Corbusier e a pobreza cartesiana de autômatos em Lúcio Costa. O princípio foi belo, o sinal da cruz.

Um prenúncio de chuva vinha do vento frio. Um espirro me salvou da quase esquizofrenia. E o espirro era ainda a lembrança de uma caminhada debaixo de chuva, de Belfort a Notre Dame du Haut, e essa lembrança surge agora deformada e deturpada, ao superpor a forma irregular da cobertura de Ronchamps e a regularidade de um elipsoide do Congresso Nacional, deformada e deturpada pela confusão de equações diferenciais não sei mais de que ordem, deformada e deturpada pelo charlatanismo ligado à atividade profissional anterior ao espirro e à caminhada sob a chuva no caminho da colina. E ali, diante da forma livre, pude compreender o gesto criador do vagabundo que teve antes a coragem de ser homem.

(\*) *Le Corbusier – Planejamento Urbano – Editora Perspectiva – Coleção debates – 1971.*

### **Uma estrutura ôntica, a molecagem**

Faltou alguma coisa nos tratados de Heidegger, Jaspers, Gabriel Marcel, Buber. (Sartre é um vulgarizador barato dos trabalhos de Heidegger). Faltou uma análise apurada que só Heidegger poderia fazer. Com sua distinção de ôntico e ontológico, só ele poderia desenvolver o trabalho. Mas não o fez. Ninguém se preocupou com a molecagem. Os homens solenes não perdem tempo com baboseiras. Os homens sérios precisam de solenidades, de gestos hieráticos, (até hoje não compreendi bem essa palavra, apesar dos dicionários). A própria história precisa de vez em quando de momentos solenes: são as guerras. Estou hoje convencido de que um acúmulo de molecagens miúdas produz em certos momentos a necessidade de uma máscara

de sisudez: são as calamidades organizadas, que espantam pensadores e economistas, quando não despertam cínicos tratados sobre uma propalada necessidade de equilíbrio de população. Quanto carro de boi a uma hora de Paris, quanta vaca pastando a 10 quilômetros da Avenida Rio Branco, quanto capim vagabundo nos arredores de Atenas, quanta pedra no caminho de Nápoles. Quando a molecagem adulta entrega ironicamente seus problemas presentes a futurólogos de QI altíssimo, e caixa baixíssima, a molecagem infantil nunca mereceu mais do que uns tapas e berros. Os psicólogos têm mais o que fazer, e os teóricos têm que ser fundamentalmente solenes. Há o perigo de não serem levados a sério, senão morrem de fome.

E, isto sim, é grave, terrivelmente grave. Estas reflexões me vêm ao correr da leitura do livro *A Criança Difícil*, de André Berge (1) E copio, sem grandes motivações, uma frase anotada de Leszok Kolakowski (tradução espanhola), *El Sacerdote y el Bufón*: “En la corte del Rey hay más sacerdotes que bufones, de igual manera que en su reino existen mas policías que artistas”. Abordando o problema de pais, educadores, e a criança difícil, (os temperamentos difíceis, os fatores de inadaptação, a relação de temperamentos difíceis e adaptações difíceis, a formação de perturbações caracterológicas, os entraves da vida, o educador e a criança-problema), o Autor desenvolve com sabedoria e muito bom-senso, apesar dos andaimes teóricos que despontam às vezes, sua temática, e chega a inverter a questão, em que de repente a criança difícil desaparece, e surgem os pais difíceis. Tive vontade de rir quando do último congresso de psicanalistas realizado há pouco no Rio deram tanta divulgação às teorias de um argentino antifreudiano. O homem bolou o filicídio, que seria o contrário do Complexo de Édipo. Há 10 anos, em conversa com um desses caras, falei em Complexo de Laio, e ouvi a gargalhadinha ritual e fresca (no péssimo sentido da palavra). Como considero hoje a experiência e o aprendizado do indivíduo na comunidade como um fenômeno não lógico, fruto de uma operação sintética da consciência, e nunca analítica, não pretendo me alongar nessa história. Ando mais interessado numa descoberta de tratamento de pedras renais com ondas sonoras, e em questões religiosas, nunca esqueci a história do Jogral de Nossa Senhora. Quero apenas descrever uma cena ocorrida na Rua Senador Vergueiro, ao lado do Cine Paissandu. Um bando de moleques entrou no Oklahoma, lanchonete, isto às 10 e meia da noite, e conseguiu algumas latas de feijão, arroz, macarrão, carne, salada, tudo embrulhado em jornal. Um pouco além do cinema, em frente ao tapume da obra (hoje ausente), a briga começou. Sobrou tapa, rasteira, palavrão, e carne, feijão, macarrão, salada se fundiram ao entulho da obra junto ao esgoto. Se eu quisesse fazer literatura, diria que nem Deus chorou. Como não sou erudito, mas gostaria às vezes de botar banca, cito de cor um troço lido em algum livro de Maritain: *diabolus non sentit quia esse bonurn ut non apprehendit se esse malum*. (Claro que desconheço a tradução, a primeira palavra me impressionou).

(1) *A criança difícil*, de André Berge, *Agir*, tradução de Heloísa Fontes de Oliveira, Rio, 1972, 259 p, Cr\$ 12,00.

## O socialismo utópico de Martim Buber

Em março de 1965 deixei Israel triplamente frustrado: o nojo de algumas rasteiras profissionais numa sociedade competitiva, a impossibilidade de visitar o Jardim das Oliveiras (vi do terraço do King David Hotel), e a doença de Martim Buber, que anulou o pedido de uma visita. Quando saltei no aeroporto de Telaviv eu levava apenas a admiração por um homem no país: Buber. O resto era mitologia. (Nada sabia, na época, de Agnon). Não pretendia conversar com ele, nada tinha a dizer, nem a ouvir. Queria apenas vê-lo. O filho de um dos sócios da cadeia de hotéis Dan, Federman, para quem trabalhava, ficou de marcar a entrevista. Que não houve. Creio que foi através de Buber que aprendi os primeiros elementos positivos do judaísmo. A experiência concreta só me havia mostrado os elementos negativos. Em Spinoza, velha admiração, o *Tratado da Reforma do Entendimento* me dava a dimensão do homem material, despojado de sua mitologia própria. A concisão, a precisão de pensamento do homem de Amsterdã alijavam qualquer comunicação de experiência pessoal. Ela vinha filtrada por uma visão de essências em que o vivido é apenas fruição do *próprio*. Um pequeno detalhe: Spinoza foi excomungado pela comunidade judaica. Em março de 1965 deixei Israel triplamente frustrado. Em junho de 1965 Buber morre durante o trabalho: uma tradução alemã do *Livro de Job*. Alguns anos antes eu havia começado um pequeno trabalho pessoal, interior, a experiência dolorosa de repensar em termos próprios *o mundo*. Era o mergulho delirante nas utopias e o choque do confronto com a realidade concreta. Tinha principalmente na memória as duas grandes ilusões do cientificismo do século XIX: Marx e Freud. Sentia que os dois haviam fracassado, sentia a embromação atrás de uma ciência grosseira, que nem chegava a ser ciência. Algumas tituras primárias do que seja o pensamento científico (leituras rápidas de Bachelard, o conhecimento de rudimentos de Geometria Analítica, Física e Química de nível ginasiano) me levaram a sentir um cheiro de podridão atrás daquilo tudo. O tempo, e a releitura, agora, da edição brasileira de *O Socialismo Utópico* (1) de Martim Buber, confirmaram a minha intuição. Constato que falharam porque, como judeus, com uma forma particular de consciência, não conseguiram efetuar a transição de um ritualismo grotesco, às vezes patológico, para uma visão além da ciência no estranho animal chamado *homem*. René Laforgue, num capítulo de *Au delà du Scientisme*, aborda essa particularidade do Judeu sem religião. Faltou aos dois o que se chama *a experiência do pensamento*, que leva um homem como Buber a distinguir religião e religiosidade, e a pedir encarecidamente ao Dr. Jung que se atenha à sua especialidade, sem querer ir acima do tornozelo. (Ver seu livro *O Eclipse de Deus*). Diria hoje que Marx forjou o esquema do Burguês Integral, e Freud, o do Doente Total, (o neurótico aparentemente curado). Acompanhemos Buber: “Não se julgue poder compreender a realidade espiritual como produto e reflexo da material, como mera consciência determinada por um ser que capta as relações técnico-econômicas, mas reconhecer, nessa realidade espiritual, uma entidade de caráter peculiar que se acha em ação recíproca com o ser social, sem que, por isso, possa ser suficientemente explicada em nenhum ponto por este.” Aliás, para compreender o fracasso do pseudo-humanismo marxista basta ler um trecho de sua carta de julho

de 1870 dirigida a Engels: “Os franceses precisam de porretes. Se os prussianos vencerem, a centralização do state power será proveitosa para a centralização da classe operária alemã.” Em matéria de visão antropológica os dois parece que esqueceram uma coisa que só as fundas raízes de uma tradição autêntica dão: o caráter assintótico de uma conquista ética. Se em vez de explicações, houvesse uma ativação *científica* da compreensão, no campo da psicopatologia muita asneira poderia ser evitada. Ao compreender que o pai pode ser um idiota, a mãe uma débil mental, os irmãos uns canalhas refinados, o marido um fresco enrustido, a mulher uma galinha em potencial, sem cacarejar, muita gente poderia economizar dinheiro, que é coisa bem diferente de capital. “*Cuando suprimimos las necesidades del hombre tanto para la emoción como para la razón, por valores y hechos, y nos sometemos a uno con la exclusión del otro, el resultado es un equilibrio alterado que es tanto perverso como destructivo*”, é a conclusão de um velho rabi, encontrada em uma edição popular (tradução espanhola) de vulgarização do Talmude. O industrial vitorioso e o burocrata comunista no poder não precisam de Marx nem de suas teorias. Um industrial fracassado, ou um burocrata comunista em desgraça, também não precisam de Marx, nem de Freud, para nada. Uma especulação sobre este pêndulo só pode ser feita por homens como Spinoza, Buber, em que a ação da consciência se desenvolve na linha da grande tradição judaica, que não é bem a de um ritualismo estreito, nem um sórdido comércio, estereotipado pela propaganda anti-semita.

(1) *Socialismo Utópico*, Martim Buber, Editora Perspectiva, 1971, 17,00. *Camiños de utopia*, Martim Buber, Breviarios del Fondo de Cultura, 1955. Nota – A edição castelhana dá como original *Pláide em utopia*, a edição brasileira dá como original *Der Utopische Sozialismus*. O texto é o mesmo. Fica a observação.

### **A inutilidade dos anjos ou equívocos da lógica**

Há meses, em um táxi, ouvi um trecho de um dos melhores programas do rádio carioca: *Patrulha da Cidade*. Instrumento de uma língua viva, quente, riqueza de criação vocabular, retrato de um cotidiano real.

O que me chamou a atenção naquele dia foi um exemplo rigoroso e perfeito de lógica aplicada à ética. Dois marginais assaltam e baleiam um motorista de caminhão. Um deles, entrevistado, reconhece a participação mas nega o disparo. Desaperta para a esquerda.

— Mas por que é que ele atirou?

— Porque o motorista reagiu, não viu que era um assalto!

A lógica do assaltante é implacável. Se ele é assaltante o outro não pode recusar a condição de assaltado. Cada um cumpre o seu papel rigidamente. Na lógica e na ética. Não vejo necessidade de desenvolver teoria especial sobre persona, nem mesmo utilizando categorias como animus e anima. Acabaria numa teoria do olhar sartreana, teoria de psicótico, porque um homem que olha por um buraco de fechadura para ver o que se passa num quarto e é surpreendido por outro

homem não reage como esquema, não fica petrificado, obrigatoriamente, nem se transforma em objeto. Um carioca daria uma de:

— Deixa isso pra lá, velhinho. Quer dar uma espiada?

A impressão que o livro de P. V. Kopnin (1) me deixou é de confusão total. A parte dedicada propriamente aos fundamentos lógicos da ciência é mínima. A parte em que tenta provar que o materialismo dialético é e não é ao mesmo tempo uma gnosiologia, uma ontologia, uma lógica, me faz pensar nos trechos mais difíceis do *Tao Te King*, em que a sutileza de paradoxos esconde realmente uma disciplina de pensamento, partindo da não fixação e da não dualidade. (Penso hoje numa não pluralidade). Segundo Kopnin o objeto do método é o estudo das leis gerais do movimento dos fenômenos do mundo objetivo, para cujo descobrimento são insuficientes a experiência e os dados de uma esfera qualquer única de conhecimento científico, mas é indispensável um conjunto de toda a experiência do conhecimento e da atividade prática do homem. É isto possível, em *um homem*? A não ser que se entregue a especulação ao mais perfeito computador ainda não construído. Afirma que matéria não é uma essência metafísica que serve de base a todas as coisas, mas todos os fenômenos, coisas, processos, existentes fora e independentemente da consciência *do homem*. Parece que os antigos davam como um dos atributos da substância a extensão. Parece que o filósofo idealista não nega a realidade, procura apenas um rigor de pensamento. Não teria sido esse o equívoco de Husserl? Ainda segundo o Autor, sua filosofia, se é que tem tal nome, considera que o raciocínio sobre o ser em geral, o existente como tal, é inconcreto, e a filosofia começa no momento em que se coloca o problema da relação do ser e do pensamento. Como isso tem cheiro de Parmênides, que negava o movimento, e São Tomás de Aquino. E os sonhos? Que leis regem o pensamento sob forma de sonho? A *totalidade humana* encarada como ciência conduz a descabros. O conhecimento do cotidiano não é lógico, como defini-lo? O que dizer do conhecimento afetivo, não verbalizado? O grande mérito do livro de Kopnin, para mim, é revelar a figura de Leo Gabriel como pensador. Eis a pergunta de Leo Gabriel:

“De que maneira o pensamento como método pode tornar-se objeto, pode ele ou não em seu funcionamento ser objetivável, ou revelar-se atualmente?”

O problema fundamental de Marx era um problema ético, problema afetivo, não lógico, abordado pelas religiões superiores, em teoria, utilizando *Deus* como mediação entre um homem e outro homem. E é nisso que deve ter pensado Leo Gabriel quando escolheu para epígrafe de seu livro um quase-poema de Heidegger:

“Pensamento é a concentração em certa ideia que às vezes aparece como uma estrela no céu do mundo.”

As estrelas aparecem. Os anjos, nunca.

(1) P. V. Kopnin, *Fundamentos lógicos da ciência, Civilização Brasileira, 1972. Nota: A editora esqueceu de publicar a bibliografia indicada.*

## Psicologia? “Falou.” “Tou na tua, bicho”

Pior do que não poder amar livremente na praça pública é poder amar livremente na praça pública. No jogo da vida, quando há *jogo* e *vida*, nunca se perde, sempre se ganha. Baseado em não-sei-o-que creio que qualquer orientação dada em matéria de educação é sempre errada, o problema é errar menos. Não creio, hoje, que se *ensine* propriamente alguma coisa à criança. Acredito, com firmeza, que a criança *aprende* alguma coisa. E essa relação entre ensino e aprendizado ainda pertence ao campo vago das especulações e teorias impossíveis de comprovação experimental, portanto impossíveis de assumirem qualquer caráter de ciência, no sentido de um corpo de doutrina com sua axiomática, seus conceitos bem definidos e sua área bem delimitada.

Num trabalho em que ando empenhado há mais de um ano, uma peça de teatro, paródia sofisticada de teatro de revista, *A Farsa da Pesca do Pirarucu e da Caçada do Jacu*, ensaio um tipo de diálogo que nunca tentei. Mais ou menos assim: *Ator I* — Posso fazer isto? *Ator II* Não. *Ator I* Se eu fizer, o que é que acontece? *Ator II* Nada.

Um dos maiores fracassos da psicologia, da psicopatologia principalmente, está no campo ligado à criação artística de qualquer natureza. Há na gênese da obra seja literária, seja pictórica, elementos bem semelhantes, embora de natureza diferente, ao da gênese do pensamento infantil. Não é propriamente o lúdico, não é propriamente a fabulação mítica, o faz-de-conta, seja de palavra, forma, cor ou som. Alinhavo estas ideias enquanto leio um dos livros mais gostosos já escritos sobre criança (1). Enquanto a criação de pensamento, ou criação de ideias se preferirem, se mantém num campo esquemático de comportamento previsível tudo vai bem, quando há no comportamento alguma coisa que se *acrescenta*, as teorias dão com os burros n’água. Ai daqueles que tentam se enquadrar em teorias, esquecendo que mais importante do que a especulação sobre a existência é a própria existência. O homem, seja artista, cientista, industrial, ou profissional de qualquer natureza, cria conhecimentos (ciência, religião, arte, técnica) para superar dificuldades *personais*. Quer-me parecer que à base de uma série de noções ambientais e disposições pessoais a criança cria conhecimentos para superar também suas dificuldades pessoais. Há um fato elementar, a criança não cresce porque lhe ensinaram a crescer, o artista não cria porque lhe ensinaram a criar. Um dos aspectos mais difíceis de manejar é o que se refere às ideias a respeito das ideias que se tem. Outro aspecto, também vinculado às duas naturezas, é a transição de *superstição* para a *religiosidade*. No esboço de uma criação infantil ou artística, a margem de superstição é enorme. No término, superada a dificuldade, o estado de comportamento infantil e de obra realizada flutua num campo de *religiosidade*: algo foi criado. A perturbação entre esses dois momentos permanece no limbo das vagas teorias, e talvez nenhuma teoria seja melhor do que a ausência de teorias. Tenho hoje a impressão de que muitos fracassos humanos de crianças e artistas provêm da incapacidade de compreender o próprio processo de criação, cada um em sua linguagem. A criança não é *educada*, ela se educa, a obra de arte não é ensinada, *ela é criada*. Há nos dois elementos um fator que escapa à especulação: diria quase

que o artista tribal cria obras de cunho religioso porque antes de criar a sua formação religiosa molda seu impulso criador. Há um óbvio melhor do que o ululante, o invisível. Extrapolem à vontade. Há um *fazer*, tanto no artista quanto na criança, ligado a um impulso que nada tem de gratuito, embora não tenha meta específica a não ser de *presença*. O ideal para um estudo seria saber o que a criança pensa de si mesma, e o que artista pensa de si mesmo, enquanto criador. Todas as questões ligadas à problemática da criação artística poderiam ser vinculadas à problemática da criação da consciência infantil. A incógnita é o elemento de comparação, de aferição, que não pode ser senão analógico, ou quando muito formal, no sentido de uma disposição para determinada forma, verbal ou não.

O livro de Léia Lerner desfaz uma série de equívocos que vão do monstro perverso polimorfo ao macaco na cristaleira. Penso na “geração perdida” dos filhos da Psicanálise. Uma boa atitude em relações familiares é examinada pelo Bhagavad-Gita, em que o papel do indivíduo é bem acentuado. Gostaria de lhe acrescentar um título: Gente também é *Gente*. Termino com uma transcrição da página 150:

“Enquanto a experiência de vida social da criança está limitada à família, ela não pode ter uma idéia exata de seu valor.”

(1) *Criança também é gente*, de Léia Lerner, Bloch, Rio, 1972, 214 pp., Cr\$ 13,00.

### Uma primeira aula real de filosofia

Creio que a primeira aula real de filosofia que tive foi durante uma viagem complicada, há mais de 15 anos, a Parati. Em companhia de Fausto Cunha, Sérgio de Camargo e Renard Perez, num ônibus entre Guaratinguetá e Cunha (alugamos um jipe para descer a serra à noite), um velho interrompe nossa conversa com uma observação:

– O sor.

Até hoje ainda não aprendi a contemplar uma aurora ou um poente. Em termos de cotidiano isso pode ser *frescura*, ou *cantada* para engabelar alguém. Em termos cósmicos pode ocorrer o fenômeno comum entre os índios *pueblos*. Os *pueblos ayudan* o Sol a nascer.

Creio que vou cometer um erro, pois ignoro o *fundamental*. Depois de Farias Brito a única voz de filósofo brasileiro que ouvi foi a de Arcangelo R. Buzzi (1). Podo Farias Brito de toda a carga espiritualista vulgar que um ultraconservadorismo grosseiro lhe deu, e furo a inércia do desinteresse que os mais atualizados lhe votam. Farias Brito com todas as limitações do tempo, de formação, de recursos pessoais ousou pensar. Arcangelo R. Buzzi pensa e provoca “*L’être pensant pense une pensée connaissante. Il ne pense pas une existence*”, diz Bachelard (2). “O pensamento filosófico não é pois simples acumulação de informações, mas uma conexão original, indizível, entre uma forma de pensar e o ser”, diz Buzzi à página 72. “*No buscamos en realidad lo que ha de ser la base de nuestra reflexión, no reflexionamos sobre ella, pura y simplemente esperamos suceda el milagro de que*

*alguna vez seamos como Europa, seamos como el Occidente*”: Leopoldo Zea (3). Há uma possibilidade de filosofia americana. Mas sem as heras e o bolor de Heidegger e da Sorbonne. E essa possibilidade, me parece, consiste em estabelecer o simples e puro hábito de pensar. Pode-se começar pela idiotice, mas pelo menos se começa. Os pré-socráticos, Santo Agostinho, Kierkegaard são excelente estímulo, mesmo mal traduzidos, mal lidos, mal interpretados. As categorias kantianas podem, talvez, ser simplesmente isto: *categorias kantianas*. Palavras. E as palavras talvez sejam núcleos de significados de uma esfera de raio variável com o indivíduo, sem valor absoluto, núcleos criando *campos semânticos*.

Se o pensamento se estabelece com a fluidez essencial *o ato de pensar* se revela em sua pureza e não se deixa aprisionar por círculos de giz. E *o ato de pensar* é silencioso. Um farto campo de estudos, ainda não feito, apesar dos Binswanger, Minkowski, etc. é a perturbação do *ato de pensar* do esquizofrênico. Com a lembrança em Heráclito anoto a intuição dos quatro estados da matéria: sólido, líquido, gasoso, *eidético*. *Eidético* aí é sinônimo de *espiritual*. Evitei a palavra para afastar dualismos e monismos. Impossível aplicar as leis dos três primeiros estados ao quarto. O limite do conhecimento é o próprio conhecimento e expansão.

Provoquei, há um ano, um diálogo escrito com um *excepcional*, para evitar o constrangimento emotivo, o *paradoxo afetivo* responsável ou pela paralisia ou pela ansiedade. Descobri uma coisa importantíssima: ele desconhecia o significado, ou melhor, ele simplesmente não sabia o que era *dificuldade*. Conhecia a palavra.

Assimilar uma técnica não obriga ninguém a aceitar a filosofia que aparentemente originou esta técnica. Podemos aprender a construir barragens com os castores. Pode-se importar uma técnica: acelerador de partículas, fábricas de automóveis, marxismo, existencialismo, mas não se importa uma disposição pessoal. Que equilíbrio esperar de um indivíduo formado em um quadro de valores desequilibrados (como) o europeu, a não ser um equilíbrio conquistado pelo indivíduo? É preciso muito bagaço para pouco suco. “Vai e toma sobre ti erro e pergunta ao longo de tua única senda” (4). Para este homem a *abertura* corresponde a uma clareira no bosque. *Amor* para muita gente é pornografia. Como é difícil conquistar o lugar-comum, em seu significado maior.

O estudo da consciência é o estudo de alguma coisa que pensa, seja o pensamento de direita, esquerda, de cima, de baixo.

Em equilíbrio espontâneo a consciência admite uma série de conteúdos que variam com *alguma coisa*. Há dextrogiros e levogiros em toda a parte. Pasteur disse alguma coisa a respeito no campo microscópico. A água do rio não se preocupa muito com as leis da hidrodinâmica.

Há duas coisas importantíssimas no livro de Buzzi. A primeira é o zoológico de Nietzsche: “Um burro pode ele ser trágico?” e as três transformações de Zaratustra, camelo, leão e criança. A segunda é a análise (existencial) do samba, (página 90).

Mestre Caimi tem razão: quem não gosta de samba é ruim da cabeça ou doente do pé.

(1) *Introdução ao pensar*, de Arcangelo R. Buzzi, *Vozes*.

(2) *Epistemologia*, de Bachelard, *textes choisis*.

(3) *La filosofía americana como filosofía sin más*, Leopoldo Zea, *Século XXI editores*.

(4) *Da experiência do pensar*, de Martin Heidegger, *Globo*.

### **A recriação de Chagall em uma novela híbrida**

Há uma chantagem engraçada em toda minoria. Por definição, ou decreto divino, cada elemento de um conjunto que define a minoria é perfeito em todos os graus de perfeição. Ofender um deles é ofender o coletivo. Se a gente chama de negro safado um desses crioulos de três metros que encostam um cala-boca nos peitos e mostram o branco dos dentes e dos olhos em qualquer rua de qualquer madrugada pedindo a bolsa e a vida, lá vem o berro:

— Racista.

Se a gente chama de canalha um judeu, um deles, que possui este delicado atributo, lá vem o berro:

— Antissemita.

Há muita explicação que não justifica droga nenhuma.

As mulatas do Sargentelli e os homens que vendem suco de laranja junto à rodoviária de Tel-Aviv têm outros atributos, diferentes. Como outro atributo tem um homem, comerciante e honesto, coisas que nem sempre andam juntas, que tem no braço um número marcado e que certa vez me descreveu tranquilamente as emoções de um dia de 1945, quando a guerra acabou, e abertos os portões do campo de refugiados, lhe disseram que estava livre. Tinha a roupa do corpo e um céu de chumbo por cima, (devia fazer sol, talvez). Nem todos acompanham Néelson Cavaquinho naquele tira o teu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor.

Já disse uma vez que nunca entendi as definições de humor e ironia dadas por Kierkegaard. Salto do estético para o ético, salto do ético para o religioso. Nem sempre o fantástico, que é também um salto, emparelha com os dois.

Allan Poe abusou do fantástico, avacalhado por Vincent Price e Roger Corman em produções de quinta categoria. (A melhor adaptação de Poe para o cinema, no que considero o seu ponto máximo, é de Fellini, que numa prova de inteligência contou uma história que nada tem a ver com a de Poe. Sem este artifício só os japoneses conseguiriam filmar uma história do poeta — vide *Kuroneko*).

*A Guerra no Bom Fim (1)* é um livro equívoco tanto para a editora, (que o apresenta como *manifestação do fantástico na literatura*), quanto para o Autor que o rotula de novela. Se houve alguma conquista no que se convencionou chamar a *modernidade* da literatura foi a inclusão da problemática da criação na criação da problemática. Bloom, Molly, Dedalus diferem um pouco como personagens tanto de Bentinho quanto de qualquer figura de Becket ou de Clarice Lispector. O mínimo que se pode exigir, se é que se exige alguma coisa, é uma coerência em relação a si mesmo. Não importa hoje a palmeira vista pelo artista, mas a visão que o artista tem da palmeira. E se alguém compreendeu isto, creio que foi Chagall. *A Guerra no Bom Fim*, prosa boa de excelente contista é um produto híbrido de Chagall e Scholem

Aleichem, desequilibrada numa divisão que não entendi. (A segunda parte tem como título *A Guerra em Israel ou O Processo do Peregrino*, e a terceira *A Guerra da Unidade Coronária*). Oscilando entre a ironia onírica e o humor de Scholem Aleichem (há edições em Português), utiliza a linguagem menos apropriada para a intenção. Ousaria quase dizer que é uma reportagem feita por escritor. Dou como exemplo, em literatura brasileira, de uma linguagem coerente com a intenção da obra, *Paixão Segundo G. H.*, de Clarice e *Casa da Paixão*, de Nélida Pinon. Folheio meu Chagall (tantas vezes citado no livro) e vou observando *Le Mort* (1908), *La Noce* (1910), *Moi et le Village* (1911), *La Promenade* (1917), *L'Hiver* (1931), *L'Ange Violoniste* (1945), *Le Coq Aux Amoureux* (1950). Tenho a impressão de que o Autor tentou uma recriação literária da obra do pintor, válida, mas não demonstrou no trabalho mais longo a posse da intuição de gênero equivalente a do artista plástico. Permanece num cotidiano meio lírico, diria quase folclórico, sem atingir a nota de humor autêntico de Aleichem, nem a nota mais ríspida de um conto de Bernard Malamud. Lamento apenas, como leitor, a frustração pessoal. O livro está a um passo, em seu início, de uma obra-prima no gênero *Os Meninos da Rua Paulo*, de Molnar. *A Guerra no Bom Fim* limitada ao Bom Fim poderia nos dar um herói como Nemeček. Mas não deu. O que me leva a especular sobre o sofrimento em termos um pouco além das banalidades profundas ou modismos.

(1) *A Guerra no Bom fim*, Moacir Scliar, Editora Expressão e Cultura, 1972.

### Capim para dois, Herr Doktor

Enquanto folheio um álbum de guaches do pintor Walter Wendhausen, e observo um excelente quadro do mesmo artista, fase de *pintura de sucata* (Wendhausen foi um dos pioneiros no gênero transição escultura-pintura em que hoje se destacam Krajezberg e Sérgio de Camargo), vou ruminando ideias antigas e novas. Penso com a fatuidade da ignorância no momento em que me surgiu a ideia de uma *filosofia experimental*. Enfrentava problemas literários, vagueava pelos ensaios à procura de alguma especulação que me servisse de apoio, folheava alguma coisa de psicopatologia para compreender certas perturbações que envolvem o processo de criação em geral, quando tive a intuição, contrariando Camus, de que o problema fundamental da filosofia e da psicopatologia era o *problema do conhecimento*. Só uma coisa me interessa hoje: as condições em que se processa um pensamento espontâneo, em fluxo, anterior ao aprendizado disto ou *daquilo*. Enquanto folheio o álbum de Walter relembro um tipo: oferecia flores a todo mundo na Av. Rio Branco e Pres. Vargas; hoje anda com um cartaz cheio de frases, semi-hippie, tudo na base de *paz e amor*. Um pequeno detalhe: este homem perdeu a família toda no incêndio do circo de Niterói, há alguns anos. Não creio que junguianos e freudianos tenham alguma coisa a lhe dizer. Nem mesmo sei se é capaz de distinguir *signo e símbolo*. Sem isto, nada feito.

É impossível conhecer a filosofia oficial grega. Sócrates, Platão, Aristóteles, sem conhecer Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. É impossível conhecer o pensamento oficial europeu, Hegel, Kant, Husserl, sem conhecer o *Kolhaas*, de Kleist, *A Morte*

em *Veneza*, de Thomas Mann, *A Morte de Ivan Ilitsch*, de Tolstoi, e a trilogia de Wassermann, *Etzel Andergast* etc. Tudo isto pode ser encontrado em edições de bolso, pouco importa a qualidade da tradução, brasileira, portuguesa, argentina. Todo brasileiro entende o espanhol, mesmo que traduza *embarazada* por *embaraçada*.

Nas últimas duas décadas, a preocupação com os aspectos orgânicos, clínicos e psicanalíticos da doença mental modificou-se devido à crescente consciência da importância dos fatores sociais. Esforços como os de Maxwell Jones, pioneiro de uma nova atitude em relação ao assunto, representam aquele pequeno passo, mínimo, aquele furo no dique (que não vale a pena tapar), capaz de carrear uma densa crosta de embromações teóricas sedimentada ou rochificada por cataclismas de sutilezas arqueológicas. É nessa linha que outros, poucos, vêm trabalhando: os homens da antipsiquiatria. Para estes homens certos tratados acadêmicos são belas criações estéticas ou maçudos calhamaços mais soporíferos do que qualquer Mandrix. Mircea Eliade emprega uma boa expressão: “Suportar a história.” Como suporta um homem *a própria história* (com h minúsculo)? Em Paris, após uma visita a Salpêtrière (vi o pavilhão onde Charcot trabalhara), enquanto comia um sanduíche de presunto e tomava meu copo de vinho, (sanduíche de presunto lâ-bas é meia bisnaga de um metro), pensava em Charcot, pensava nas teorias da sexualidade que nasceram do estudo da histeria, pensava nos vários casos de menino-lobo (Truffaut fez um belo filme sobre o garoto de Aveyron). Um bom estudo sobre a violência da ação psiquiátrica na relação médico-paciente é encontrado no livro de David Cooper. Saravá Ogum, Broma, Buda, Cristo, Maomé, Jeová, valei-me São Judas Tadeu, protetor do Flamengo e de outras coisas.

Partindo de uma noção elementar, *Aprendizagem ao Vivo*, Maxwell Jones, com a humildade autêntica do pesquisador, apresenta suas ideias. “Ensinar caracteres chineses numa universidade tem pouco a ver com a personalidade do indivíduo, mas aplicar esse conhecimento, para conviver com pessoas na China, sem dúvida há de envolvê-lo de um modo mais completo.” Fiquei surpreso com a notícia de que o antropólogo Caudhill fez um estudo sobre a matéria, fingindo-se *doente*, numa clínica de New England. A pesquisa real é um pouco mais séria do que o fogo de artifício de uma bela teoria. A tese de que uma vez removida a causa (abreação), o *efeito* desaparece, foi totalmente arrasada com as experiências realizadas com o LSD. Há casos em que ocorre o contrário. Talvez porque o problema não seja bem o de uma ciência *causa-efeito*, (se é que é ciência), mas sim de uma ciência ação-reação, uma ciência de *simultaneidade*. Uma pergunta: e se não há causa, antes, e efeito, depois. Se *calor* e *trabalho* surgem numa simultaneidade de ocorrências? Vocês se lembram do fim daquela piada?

— Capim para dois, Herr Doktor.

*A comunidade terapêutica*, de Maxwell Jones, Vozes, tradução de Lúcia de Andrade Figueira, Belo, Petrópolis, 1972, 195 pp., Cr\$ 20,00.

## **A coragem de ser esfinge**

Ao observar uma folha agitada pelo vento alguém perguntou um dia, não sei quando, a algum patriarca zen-budista, não me lembro bem o número, o que é que se movia: a folha ou o vento. A resposta foi simples: nem a folha, nem o vento, apenas a consciência. Livros como o de Pierre Weil (1) me assustam. Livros como o de Paul Tilich (2) me animam. Releio o segundo, entremeando suas páginas com a leitura do primeiro. Um modo nada recomendável de leitura, mas bem proveitoso para quem não está à espera da última palavra de solução definitiva para o que talvez seja um pseudoproblema, que só a idiotice consegue transformar em problemática. Talvez o grande erro de Édipo não tenha sido bem o transmitido pelo muito e reelaborado pelo trágico. Talvez o grande erro não passe de uma valorização absoluta de palavras, de um esquecimento da natureza específica da linguagem. Édipo não chegou, talvez, a perceber (como o *Teseu* de Kazantsakis no auge da luta, em pleno labirinto) que a esfinge era apenas uma imagem especular de si mesmo, e que pergunta e resposta foram formulados por um que se considerava dois, e que se aceitou como pergunta e resposta. Livros como o de Pierre Weil me assustam porque fujo hoje, como o diabo da cruz, do enciclopedismo fácil e barato, e das generalizações rápidas e cintilantes que não revelam mais que um fogo de artifício. Fiquemos no lugar-comum. Uma informação histórica a requerer a obtusidade do erudito especializado, uma utilização de alta matemática a exigir uma vida para compreender algo mais que uma simples operação algébrica para não cair nas fáceis citações de Einstein, Cantor, Bourbaki, como se fossem o trivial de um cotidiano banal, uma meditação religiosa que solicita um pouco mais do que a informação de textos, e que só assim dá acesso a uma compreensão alegórica de algum problema teológico (e todo esoterismo, creio, é uma grande alegoria de algum problema ético do aqui e agora em vários níveis de consciência): essas coisas juntas me assustam. A meditação simples de um teólogo que nada impõe, anima, como me animaram as conferências de Gabriel Marcel (*Homo Viator*) sobre Rilke, lidas na mesma época em que aparecia a primeira edição brasileira de *A Coragem de Ser. Informação* nada tem a ver com a *meditação* (isto pensando nos McLuhans e Molles, nos Wiener e Piaget, nos Hegel e Sartre). Diante das sugestões de Pierre Weil, eu hoje me pergunto obsessivamente, monotonamente, se a *Fenomenologia do Espírito* tem alguma coisa a ver com *espírito* (e minúsculo).

Utilizando, às vezes, processos estatísticos para tirar conclusões que, me parece, já estão implícitas na própria organização do material utilizado. Weil me leva a copiar um trecho de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg, introdução ao volume *Semiótica e Filosofia* (3) de Pierce.

“Em linhas gerais, a abdução é um processo de inferência que parte do ‘fato insólito’, do ‘fato invulgar’ buscando uma explicação para sua ocorrência. A explicação verdadeira tornaria o fato perfeitamente compreensível.”

O Autor fala de “a necessidade de uma nova ética científica que assegure aos nossos filhos que a Ciência jamais será empregada para destruir a vida.” E a outra ética, não científica? A análise exaustiva da esfinge não conduz a nada? E se a Psicologia for encarada não como uma ciência, mas como teologia?

Tive uma surpresa enorme, na época eu andava interessado em Jaspers, e me enredava nas traduções que ia encontrando. Descobri em uma autobiografia, apenas por um título de livro, que muito mais importante do que Jaspers era seu cunhado, pouco conhecido. Ernest Meyer. Ernest Meyer teve a coragem de escrever um livro com título de *Dialética do Não Saber*. (Até hoje não encontrei este livro.)

Tillich analisa os três tipos de ansiedade: a ansiedade do destino e da morte, a ansiedade da acuidade e insignificância, a ansiedade da culpa e condenação. Tillich conhece as religiões orientais (ver *Um Diálogo entre Cristãos e Budistas*) e como teólogo sabe que a consciência estudada pelos orientais nada tem a ver com a *consciência epistemológica* cartesiana ou husserliana. Aceitando a definição de Jean Zafiroupolo:

“La réalilé est à chaque epoque l'ensemble des concepls admis pour classer nos perceptions”

e uma observação de Tillich em *Teologia da Cultura* (tradução francesa) (4).

“Le langage le plus propre aux sciences mathématiques ne permet pas de saisir la totalité du reel”,

me lembro de alguém que me disse um dia, não sei se sábio ou idiota, que não se pode ter uma face da moeda, e o avesso do avesso não é o direito.

Fazer a pergunta e ter a coragem de não dar a resposta.

(1) *Esfinge – Estrutura e mistério do homem*, de Pierre Weil, Vozes, Petrópolis, 1973, 207 pp., Cr\$ 25,00.

(2) *A coragem de ser*, de Paul Tillich, Paz e Terra, tradução de Eglê Malheiros, Rio, 1972, 146 pp.

(3) *Semiótica e Filosofia*, de C. S. Pierce, Cultrix, 1972.

(4) *Théologie de la culture*, de Paul Tillich, Denoel/Gonthier, 1972.

### **“O jogo da Asa da Bruxa” ou antinovela e intriga**

Pierre Clastres, interrogado sobre o caso de antropofagia dos Andes, respondeu que a *necessidade quebra tabus*. Atrás de Clastres toda uma tradição de etnologia, antropologia, teologia, etc. O campo da criação também tem suas *necessidades*. (Não confundir com a Necessidade dos metafísicos). Em férias recentes, prossequindo um longo processo de desintoxicação pseudocultural (o cultural aí vai naquele sentido bem mais amplo que lhe dão os antropólogos de visão aberta, vai desde os hábitos de lençol e fronha à mais sutil embromação ideológica), me entreguei, além de outros esportes, à leitura de ficção de intriga de banca de jornais, e enxurrada de televisão, desenhos animados, capítulos de novelas, anúncios, filmes, programas de humor. Só um banho de lama dá sentido a uma ducha de água, só quem sentiu o cheiro de pântano sabe valorizar outra espécie de cheiro. Isto é válido também no sentido figurado. Para quem mexe com literatura nada melhor do que um mergulho na subliteratura para reaprender alguma coisa. O que distingue os padrões convencionais dos gêneros literários da subliteratura é uma certa chatice chata. A subliteratura tem um sabor de lugar-comum dessorado, de valorização de estereótipos, de acanalamento total da linguagem, e principalmente uma intriga raramente conseguida pelos outros. Dá *impressão de realidade*. Duvido que a média das produções de ficção convencional consiga

ultrapassar em intriga um folheto qualquer de um John Smith e que trata de espionagem internacional, tráfico de entorpecentes, ou coisas semelhantes. De repente, a vontade de parodiar alguém: com bons sentimentos e intriga pode-se fazer ótima subliteratura. Quanto à recíproca, e deixando os sentimentos de lado (muita pornografia encobre um moralismo de beata ingênua, e vice-versa), sem intriga consegue-se fazer excelente literatura. José Édson Gomes prova isso à farta em seu recente *O Jogo da Asa da Bruxa* (1). Antinovela, no quadro do que alguns franceses chamaram de *nouveau roman* (Clarice Lispector é infinitamente superior a qualquer Robbe-Grillet ou Butor), a história de José Édson Gomes tem o mesmo fascínio do imprevisto, fantástico, e uma fábula bem mais complexa do que se possa imaginar, tão complexa quanto um simples olhar para o que se passa em volta. Apenas um detalhe. É preciso saber distinguir se o olhar parte de um autômato ou de um homem. É o grande problema do *observador* quase sempre esquecido para quem *observa*. Em outras áreas, me parece, essa pequena diferença causou um estardalhaço profundo. Há muita gente que olha para um *cinzeiro* e acha que viu *alguma coisa*. Deixando sua prosa fluir com a aparência de uma espontaneidade fácil, José Édson Gomes marca o seu talento de ficcionista exatamente com esta fluência. Isto se chama *garra, raça*. No futebol, isto dá a *folha seca* e um bom *bicho*. Na literatura, dá poucos leitores. Creio que em condições diferentes, e com problemática diferente, esta *garra* lembra o Faulkner de *O Homem e o Rio*. A fábula contada tem toda a clareza de um episódio qualquer do cotidiano.

Alguns homens viajam de ônibus. Simples. Apenas nada sabemos sobre os homens que viajam em um ônibus. Steinbeck tentou em *O Destino Viaja de ônibus* recriar esse *fragmento de realidade*. Parece que foi um de seus fracassos. E José Édson Gomes me faz pensar que para o artista a biografia não é apenas a sucessão de datas e fatos, mas a elaboração lenta da capacidade de criar que se transforma em *obra*.

(1) *O jogo da Asa da Bruxa*, de José Édson Gomes, Expressão e Cultura, 1972, Cr\$ 16,00.

### **“A falha”, um teorema demonstrado**

Ao terminar a leitura do livro de Samarakis, *A Falha*, (1) eu me lembrei da *Colônia Penal*, de Kafka, do *Jardim dos Sendeiros que se Bifurcam*, de Borges, de *O Perseguidor*, de Cortazar, e de *A Pane*, de Durrenmatt. O romance policial, um milímetro além de sua função imediata, aparentemente lúdico-digestiva, provoca, não necessariamente, reações estéticas, éticas e lógicas. Nessa perspectiva não consigo compreender os três prêmios que antecederam a edição brasileira. Ou melhor, dois, porque o terceiro, Prêmio Nacional de Prosa na Grécia, está fora do meu alcance. Não sei grego. Este pequeno detalhe não me impediu, no entanto, de vislumbrar a dimensão do poeta Cavafys, em tradução portuguesa. Os recursos técnicos utilizados por Samarakis, primários, me dão a ideia do que pode fazer um homem inteligente, de mentalidade acadêmica, atraído pela obrigação não imposta de ser *moderno*. O apelo a recursos gráficos, artificial, deixa entrever certo oportunismo, presente também no conteúdo aparente da história. Oportunismo ético

e lógico. Esse lado me leva a indagação paradoxal da probabilidade de uma crítica real a tudo que foi produzido da metade do século passado até hoje. Mergulhamos em psicologismos diante de Dali, Lautréamont, Virgínia Woolf, Henry Moore, Ernest Bloch. E o *psicologismo* é a grande praga do século, me parece. Não do criador, mas do crítico. Quando o criador inverte a posição, e cria na perspectiva do crítico, temos a enxurrada que nos faz perder qualquer noção de valor. Daí o mérito de homens como Fellini que, em *Roma*, numa simples reportagem, mostra os recursos de um instrumento bem atinado. A história policial comum é um esquema geométrico de simetrias em que um perseguidor e um perseguido se defrontam.

A simetria é quebrada por exigências jurídicas, nem sempre éticas, mesmo quando o final (como em *Samarakis*) é uma inversão da fábula. Seu desenvolvimento numa visão esquemática inevitável, é o de um teorema já sabido, cuja demonstração se expõe ao leitor, incitando-o a prever os caminhos dedutivos, e oferecendo-lhe alternativas para exercitar a argúcia. Raramente o teorema é omitido, e quando omitido não se presta às séries habituais de grande interesse comercial (John le Carrè, com *O Espião que Veio do Frio*; Harry Kemelmann, com *Naquela Noite o Rabino Dormiu Tarde*). O teorema existe em *Samarakis*, a dedução não oferece grandes alternativas, nunca passamos de situações binárias. O nível literário dado ao livro pelos prêmios cria outra expectativa: a de uma súbita irrupção de alguma coisa que justifique o plano acima do convencional em que se colocou. Expectativa que nada tem a ver com o gênero, e sim com a exigência do leitor. (*A Colônia Penal* prova que nenhuma alternativa às vezes se identifica com um número infinito de alternativas). Pessoalmente me ocorreu o mesmo fenômeno quando da exibição de *A Condessa de Hong-Kong*, de Chaplin. Chaplin era Chaplin. O filme uma droga. Como conciliar? Aguardar, aguardar sempre um minuto antes do fim do dedo do homem de *Tempos Modernos*, *O Circo*, *Luzes da Cidade*, vai aparecer, e o que parecia droga vai ganhar nova dimensão. As luzes se acenderam. O dedo não apareceu. Há realmente um momento em que a raposa não blefa: é quando as uvas estão verdes mesmo. Creio que é Borges, ainda, mestre de histórias policiais (vide *O Caso de Ema Zunz*) quem nos mostra, em pagina curta, que a melhor prisão é o deserto.

(1) *A Falha*, de Antonis Samarakis, *Expressão e Cultura*, tradução de Carlos Ramires, capa de Anna Maria Maiolino, 184 pp., Cr\$ 18,00.

### **Graciliano, a melhor tradução de “A peste”**

Somos péssimos aprendizes. Ciclicamente cometemos os mesmos erros e a famosa História só nos ensina realmente alguns movimentos no tabuleiro de xadrez das batalhas. O máximo que deduzimos é que, se a rainha, o bispo, o cavalo e o peão estiverem numa dada posição, respeitadas as regras do jogo, o xeque-mate é possível. Quanto ao indivíduo isoladamente, isoladamente na multidão, nada de concreto, apenas um amontoado de teorias. Para o outro somos uma peça de jogo (não reificados, mas na mísera condição humana), ou um amontoado de abstrações e teorias. A releitura de *A Peste* (1) me leva a folhear a primeira edição: 1950,

Livraria José Olímpio, Rua do Ouvidor, 110, Rio, tradução de G.R., Coleção Fogos Cruzados. Quem é G.R.? A segunda edição desvenda o mistério. G.R. é Graciliano Ramos, o maior romancista do Modernismo, irmão de Camus na família literária, muito mais importante do que a família biológica, com a mesma atitude diante de homens e ideias; um, refinado culturalmente por uma tradição abstrata, sacudida de vez em quando pela crueldade do relacionamento concreto; outro, curtido por um ambiente cruel, brutal, concreto, procurando atingir a tradição abstrata do mundo de ideias que sua condição de escritor lhe exige. Em 1950 o tradutor era G.R. Pudor? Timidez? Desvalorização de uma tarefa forçada pelas necessidades econômicas? Em 1950 as exigências gregárias do romancista Graciliano Ramos levavam a repudiar escritores como Camus, Sartre, Simone de Beauvoir. E um homem como Camus escreve em *O Mito de Sísifo*:

“Os mitos são feitos para que a imaginação os anime (...). A própria luta para atingir os píncaros basta para encher um coração de homem. É preciso imaginar Sísifo feliz.”

As grandes obras que os três papas do existencialismo ateu francês deixaram são três pequenos livros. *O Estrangeiro*, de Camus, *A Náusea*, de Sartre, e *As Bocas Inúteis*, de Simone de Beauvoir. Dos três o único que não se deixou trair pelas palavras foi Camus, opondo-se à verborreia Sartre-Simone, como se atrás das palavras nada mais houvesse (apesar do autobiográfico *As Palavras*). Camus reinstaura a palavra que tem significado realmente. Por um pequeno detalhe, atrás das palavras de Camus há o sentimento adequado às mesmas, e não o significado retórico. Camus revela a relação entre palavra e sentimento, e não entre palavra e significado. A releitura de *A Peste* nos devolve a visão concreta da palavra: a dor, a alegria, em vez de uma semântica. Vale a pena reler Infância de Graciliano Ramos para meditar, no Rio, sobre Camus. Ao contrário do derrame vocabular de Jorge Amado, a palavra simples sobre o sentimento exato da situação. Dizem que as dificuldades materiais impediram a Camus a carreira universitária. Bendita dificuldade. Não o arrancou do cotidiano para se embrenhar em sutilezas escolásticas, que tudo explicam, a situação judaica, os problemas dos árabes, o racismo americano, a santidade de um homem de talento, vítima e algoz de suas próprias circunstâncias. Rieux, Tarrou, Grand, Rambert, Castel, Cottard, Paneloux, personagens da peste de Oran, ramificações da rica personalidade do Autor, ou desdobramento de mente poderosa que não se fragmenta em sua dilaceração. “Pode-se ser santo sem Deus? É o único problema concreto que conheço hoje”, diz Tarrou. Há em Camus uma desmistificação do relacionamento humano: o homem concreto sem esquematismos realistas ou naturalistas. Meursault. Ao contrário do que dizem Meursault não é o fenômeno apenas, o homem desprovido de interioridade. Apenas a interioridade é uma propriedade pessoal, concreta, e não um em si noumênico. Na hora apropriada, a interioridade se revela. Camus é parente próximo de Becket, sem a exacerbação Camus conheceu a guerra, a Resistência. Mas conheceu como homem e como artista. Como homem deixou *Cartas a um Amigo Alemão* (2):

“Aquilo que mais duramente se sofre é ver deformar aquilo que se ama” (Terceira Carta).

“Continuo a pensar que este mundo não tem qualquer sentido. Mas sei que nele, se alguma coisa tem sentido é o homem, porque é ele o único a exigí-lo” (Quarta Carta).

Como artista deixou *A Peste*.

“A distanciação interna que sintetiza o acontecimento e o eleva até a fábula. Em suma a Resistência reclamava uma verdadeira obra de arte. (...). A nossa espera não foi inútil. Em 1947 apareceu *A Peste*, fábula histórica e profética.” (3)

Creio que Camus acreditou num Deus, não no que foi morto por Nietzsche e pelos positivistas, não no que é venerado pelas religiões oficiais, mas nessa *Fons Vitae* de um pseudo-árabe que durante muitos séculos se chamou Avicébron, e foi estudado nos seminários católicos, até que se descobriu que o Autor era judeu e se chamava Ibn-Gabirol.

Há homens que vivem simplesmente a própria vida, o que é fabuloso, e há homens que testemunham a própria vida vivida com simplicidade. Camus pertence aos últimos. Como Faulkner, como Hesse, como Cruz e Sousa, como Lawrence: uma inteligência temperada pelo sentimento dos verdadeiros valores humanos: amizade, ternura, amor, lealdade.

(1) *A peste*, de Albert Camus, José Olympio, tradução de Graciliano Ramos, capa de Eugênio Hirech, 186 pp., 1973, Rio, Cr\$ 16,00.

(2) *Cartas a um amigo alemão*, de Albert Camus, Edição Livros do Brasil, tradução de José Carlos González e Joaquim Serrano, Lisboa, 212 páginas.

(3) *Camus por Ele próprio*, de Morvan Lebesque, tradução de Maria José Palla e M. Vilaverde Cabral, 1967, 192 páginas.

## Um conto de Capote e a praga dos existenciólogos

Um monge budista contou que ao respeitar toda forma de vida, evitava os escorpiões, porque não desejando matá-los, seria morto por eles. É da natureza do escorpião picar mortalmente sem que haja nisso maldade.

Truman Capote em seu livro *A Árvore da Vida* tem um conto magnífico em que narra a história de uma loteria de Natal. Não tenho o livro à mão, nem me lembro do título do conto. A história é mais ou menos a seguinte. Um garrafão cheio de moedas está exposto em um bar de uma cidadezinha do interior. O garrafão é o prêmio para quem acertar o número exato de moedas. Coisa simples. Como ganhar o bolão da loteria esportiva. Um palpite. Um garoto resolve ganhar. Senta-se o dia todo diante do garrafão, e olha o frasco. No Natal, ele ganha o prêmio. Em vez de palpite, ele resolveu fazer uma coisa simples: contar as moedas tranquilamente, enquanto estava sentado diante do balcão. Nenhuma teoria poderia substituir o recurso utilizado pelo menino, e não sei bem que espécie de teoria se poderia fazer

sobre a *teoria da probabilidade*; sobre situações humanas muita coisa foi escrita (poema de Gingamesh, os Keningar, tão bem estudados por Jorge Luis Borges, o *Canto de Ossanha*, de Baden e Vinícius, etc.). Mas creio que Pirandello realmente introduziu uma noção diferente nessa visão. Relações comportamentais, sociais, familiares, criariam situações paradoxais se observadas simultaneamente. Considero o escritor um estranho animal que escreve. Não sei se é obrigado a escrever isto ou aquilo. O escritor comete erros enormes quando opina sobre matéria especializada, que desconhece, e acertos enormes quando opina sobre matéria não especializada, que desconhece, porque sendo matéria não especializada, a ignorância não é apenas sua, e sim de todos. Considero as relações entre Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise matéria não especializada, porque vinculada à existência, e a existência ainda não é uma *especialidade*. Antigamente os teólogos andavam em voga. Hoje querem impingir os *existenciólogos*, uma praga. Alguém já disse que o mapa não é o território, e a parábola descrita pela pedra, quando lançada, nada me diz sobre a pedra (origem, formato, cor, composição cristalográfica, etc).

O estudo dos comportamentos coletivos não diz nada sobre os indivíduos que compõem os coletivos.

A palavra *mente* anda bem *avacalhada*. Seu campo vai do candomblé de Menininha ao mais refinado seguidor de Jung. Distinguir charlatanismo na área é muito difícil. Cada um tem o charlatão que merece. Um detalhe prático: não vi até hoje um estudo estatístico que permitisse estabelecer a relação sucesso/fracasso na aplicação prática de todas as teorias. Juridicamente um dos problemas mais difíceis é o da *responsabilidade*. Que responsabilidade envolve o exercício da profissão? Que responsabilidade assume o terapeuta pelos estragos produzidos pela imprudência, imperícia, pseudoconhecimento, etc.? Nenhuma. Outra coisa, não creio que da discussão nasça sempre a luz, às vezes nasce outra coisa. Peguemos um psicanalista. De que serve uma discussão em que se tenta provar a falta de base científica para o que ele faz, se ele, por motivos óbvios, provada essa falta de base, não abandonará a atividade ganha-pão. Ponho, mentalmente, à minha frente três volumes lidos: um manual de psicologia, um de psiquiatria, um de psicanálise. Alves Garcia, Jaspers, Otto Fenichel.

A educação global, instrução mais socialização (no sentido da formação de um eu-tu-ele), média, convencional, cria no indivíduo uma *ideia-emoção* de que está sendo protegido (mesmo que não haja necessidade de proteção alguma), ideia-emoção que o deixa em condições de exercer qualquer atividade, manifestar suas características próprias (do canalha ao santo), ele se *ama* suficientemente para poder amar (posição teológica). As perturbações criam no indivíduo uma insegurança, e ele se sente desprotegido quando não necessita de proteção. Entre *neurose* e *psicose* a diferença é de nível ou grau. Um fenômeno da mecânica das vibrações, por analogia, daria uma ideia do fato: *ressonância*. Vamos fazer uma teoria de signos vinculada a alguma análise proposicional? Não vejo na psicologia, como ciência, a possibilidade de estudar a *totalidade humana* de uma *insignificância* (um indivíduo numa cidade). Não vejo na psiquiatria a utilização concreta de algum

conhecimento específico, organizado, além dos tranquilizantes, etc. (*química*). Não vejo na *psicanálise* relação alguma com as duas primeiras. Apesar do estardalhaço das teorias (de teoria específica passou a uma *weltanschauung*), ela só é utilizada na forma mais duvidosa da doença: neurose. Ela é considerada hoje mais como preventiva da doença do que *cura*. A leitura do livro *Análise Direta* do americano H. Rosen dá uma ideia disso no capítulo *honni soit qui mal y pense*, Rosen quebra o tabu do relacionamento médico-paciente e arregança as mangas. Pessoalmente, tentei no meu livro *Eu-Tu-Ele* examinar as fronteiras da psicologia e da psicopatologia utilizando a *Análise Eidética*; em vez de discussões sobre normal, poderíamos discutir sobre *equilíbrio*, no sentido vulgar, banal, cotidiano. Constatei em experiência pessoal (tem apenas este valor), que há uma gênese de ideia-emoção, e que a ideia, seja o que for, tem um *caminho*. Isto, às vezes, parece difícil de compreender. *Caminho*: entre gênese e dispersão ela percorre alguma coisa (corpo, parte do corpo, hemisfério cerebral, etc.), uma distância em um determinado tempo. E que durante o caminho gera campos (não no sentido poético, nem figurado (*Gestalt*), mas *físico*).

A função de alguma ciência seria restabelecer o equilíbrio. Apenas. Há uma série de coisas a estabelecer ainda sobre os seis sentidos unificados: visão, audição, olfato, gosto, tato, consciência; uma série de coisas a determinar sobre a simultaneidade não conflitante de emoções oriundas de lembranças e emoções de situação. Os fenomenólogos martelam no *on francês*, no *das man alemão*, mas há ainda muita coisa a estudar sobre a gênese desse *on* ou *das man*, entre pensamento expresso e pensamento expresso não verbalizado nem significado exteriormente. A própria gênese da sexualidade, não do sexo, poderia trazer surpresas se o *on* ou *das man* fosse transformado em homem concreto. Outro estudo não bem estabelecido é o de anacronismos e anatopismos. Inventei esta palavra para uma correspondência espacial de distorção temporal.

Encontrei em livro recente a distinção de duas lógicas. Uma chamada forte, e outra fraca. A primeira engloba o princípio da identidade, o princípio da não contradição, e o princípio de Laplace (toda lei descreve apenas a variação de qualquer coisa em relação a qualquer coisa que não varia). A segunda engloba os três princípios da primeira e mais um quarto, qualquer, que torne menos restritiva a ação dos três primeiros, quando da verificação da compatibilidade dos axiomas. Olho a capa do livro de Roger Gentis, *Guérrir la Vie*; a expressão é de Antonie Artaud. Teria sido esta a causa da perdição de Artaud?

Não consigo vislumbrar uma atitude *científica* em nenhuma das três, nem no seu relacionamento. A posição *não-científica* (seja filosófica ou qualquer outra coisa) não deixa de ser uma posição *teológica*. Sobre isto, o silêncio de Pascal, realmente. Que atitude tomaria o menino do conto de Capote?

### **Os rojuks e o pão da miséria**

“– Consulte as folhas de pagamento – falei – as listas que você fez, releia os nomes, em voz alta e devotamente, como se fosse uma

ladainha..., pronuncie-os, acrescentando a cada nome: perdoa-nos. Depois some os nomes, multiplique o número total de nomes por mil pães, o torne a multiplicar o resultado por mil, e terá o número de maldições que pesam sobre a conta bancária de seu pai. A unidade é o pão, o pão da mocidade, que vive na minha memória como se estivesse envolta em espessa névoa.”

Raramente conhecemos de fato a solidão e a angústia. Até isto a publicidade desgastou, com seus deuses e profetas, transformando em troco miúdo a cédula maior do sentimento. Estar só, liberto de fantasmas e vínculos fictícios, sentir angústia sem a frescura e o tédio dos que aparam as unhas indiferentes ao rio alegórico que passa com suas enchentes e vazantes. Solidão e angústia simples de quem olha um homem, uma mulher, uma criança, uma árvore, um pássaro desconhecido, uma nuvem, e a luz, noturna ou diurna, que banha tudo isso. E um livro amargo, paradoxal, nos devolve essa esperança tranquila e humana, num misto de ranger de dentes e mansa alegria interior. Terminada a leitura de Heinrich Boll (1), enquanto procuro em meio à desarrumação *Os Hóspedes Inesperados* e *Bilhar às Nove e Meia*, me lembro de uma frase de Heine usada como epígrafe de Wasserman:

*“à noite, quando penso na Alemanha, perco o sono.”*

Quantos ainda perdem o sono, à noite, quando pensam na Alemanha? São tão complexos os problemas do aço e petróleo, tão sutis as filosofias das que leem horror às microeconomias, e os anjos estão sempre de um lado e os demônios do outro. Em que território localizar o campo de Kurukshetra, local de uma batalha não estudada pelos que se interessam pelo Mito do Eterno Retorno?

Paradoxal. A Razão Absoluta importada da França, e Wotan com seu capacete de cornos pontudos. Um universalismo superficial e abstrato num cotidiano de primitivos. Habitamo-nos a encarar a cultura de alguns povos por alguns poucos nomes, e a identificá-la com esses poucos nomes. Numa cultura viva estes homens, poucos, são excrescências, vitoriosos ou não. Os atenienses já sabiam disso. Um estardalhaço enorme foi feito por alguns homens inteligentes, péssimos pensadores, quando uma intuição qualquer resolveu comparar as chamadas culturas primitivas com as civilizadas. Mas, tenho a impressão de que deram pouca importância à mentalidade primitiva *doentia* Malinowski assinala entre os povos que observou o *nagowa*, cretino, idiota, e o *gwayluwa*, maníaco desequilibrado com momentos de violência. Confunde-se, às vezes, primitivo com bárbaro. Holderlin, Kleist, Heine, Hesse, Boll. Em cima de suas obras os críticos *a posteriori* podem se fartar com seus moldes sodomitas. Valeria a pena lembrar que sodomita não tem apenas uma conotação sexual? Releiam o episódio na fonte. E revejam o filme de Alain Resnais, principalmente a cena em que Emmanuelle Ríva afaga o rosto do Japonês e lhe diz que o conheceu em Nevers, ao ter os cabelos cortados e enlouquecer com o estigma de prostituta após a morte do soldado alemão.

*“Histoire de quat’sous, je te donne à l’oubli.”*

Boll, que navega pelo fantástico, e me fez conhecer o país dos *rujuks* quando comecei a estudar a minha própria burrice, me chega nesta novela como um misto de lobo metafísico e de lírico amargo à Pratolini. Seu cotidiano é o cotidiano simples e sua desilusão não é desespero, é apenas desilusão, um gosto amargo, que não impede a ternura. A história é linear, a intriga, o enredo, em nada contam. Não há construção, nem procura de simetrias ou assimetrias, (ao contrário de *Bilhar às Nove e Meia*), e principalmente não há psicologismos, de ouvido, olhar, nasal, bucal, epidérmico. Sua visão como a de qualquer outro com sua garra é antropológica. Apenas em vez de escolher as ilhas Trobriand, uma floresta australiana, ou a selva paraguaia, ficou numa cidade alemã qualquer, com nomes de ruas que sempre acabam em *strasse*, onde se come torta de maçã, se toma chá ou café, se consertam máquinas de lavar, e onde as senhorias que alugam quartos a cavalheiros não permitem a presença feminina nos aposentos sem a benção sacerdotal.

(1) *O Pão dos Anos Jovens*, de Heinrich Boll, *Artenova*, tradução Joaquim Campelo, Rio, 1973, 114 pp., Cr\$ 16,00.

### **“Memorial do homem” e outras possibilidades do Cristo**

A liberdade total que o ato de criação artística significa se manifesta às vezes num tremor quando o *ato* começa a se transformar em *obra*. Essa liberdade se alimenta de paradoxos, padrões estéticos e éticos que nada tem a ver com o ato de criar, e que podem ou não concordar com o significado expresso da obra. Não sei se a obra tem necessariamente função pedagógica, e se tem não vejo porque limitar essa função a uma faixa de idade e a salas de aula. Faulkner descrevendo em *Enquanto Agonizo* o comportamento de um bando de tarados talvez esteja exercendo uma função didática mais elevada do que um manual de bons costumes. Para um velho de 80 anos um desenho erótico de Picasso pode despertar novas perspectivas éticas. Há várias maneiras de encarar o corpo humano e várias as possibilidades de relacionamento entre corpos.

*Eu Venho: Memorial do Cristo* me deixou espantado. Confirmou algumas hipóteses pessoais: a maturidade da literatura brasileira conquistada pelo Modernismo (só o Modernismo nos deu o Poeta, Carlos Drummond de Andrade); a fixação de uma tradição unicamente americana em que um polo do triângulo greco-judaico-cristão é eliminado, o grego, é substituído pelo *afro-indígena*, considerando as culturas nativas e as africanas num mesmo plano, que eu chamaria de *culturas estacionárias* apesar da evolução apresentada no interior de cada uma delas; a possibilidade de uma renovação da prosa de ficção dentro de uma linha narrativa tradicional. Esta é a autêntica tradição, a que se renova, e me parece que ela só se renova quando um criador se apossa de sua matéria: ela deixa de ser a monótona repetição de sons e atos ociosos, e passa a *significar* realmente. E então a prosa vem com o mesmo sabor de novidade, a mesma impetuosidade de uma prosa de vanguarda que não é experimental propriamente, mas a outra face da tradição. Eu que me empolguei com a prosa de Antônio Carlos Villaça, de Judith Grossmann, de

Nélida Pinon, de Clarice Lispector, me empolguei com a prosa atual de Dinah Silveira de Queiroz. Lembra alguns pontos altos de Machado, de Graciliano, de Aníbal Machado, pontos em que a língua se revela em seu máximo de capacidade plástica significativa, pontos em que talvez haja a perfeita condução de *significante* e *significado*. Romance? Biografia? Crônica? Ensaio? Que me importa a diferença de gêneros, a diferença entre o real imaginário e o imaginário real, se o real descrito é puramente imaginário e o imaginário criado é concretamente real. A presença do escritor se afirmou, escolhido o assunto, na adoção da primeira pessoa: eu. Através desse eu, narrador e personagem se fundem nessa vasta mitologia que é a produção literária. Paradoxalmente ao escolher a primeira pessoa o Autor se retirou da cena sem nunca abandonar o palco. O que constitui um verdadeiro achado considerando a perspectiva teológica que o livro admite. Compreender verdadeiramente este eu, creio que nenhuma antropologia conseguiu até hoje.

Ao reler as cenas descritas na região do Mar Morto e as conquistas arqueológicas de Qumram e outras grutas, integradas na prosa, me lembrei de minhas andanças na região, um pernoite em um motel de Sodoma, a passagem por Ein-Geddi, enquanto sonhava uma visita a Buber, farrapos de leitura de um livro de Jung sobre certa flor de ouro em que se fala de um certo *schén*, uma das etapas da meditação dos que escolhem o *caminho*. E a região estava ali, com seu casario, suas pedras, suas árvores, seus ventos, seu frio, numa perspectiva de infinitos presentes, simultâneos, justapostos, encantatórios. Ao terminar o livro um poema bolava em minha memória, poema lido há mais de 20 anos, (eu não sei inglês e cito de cor):

*I never spoke with God  
Nor visited the heaven  
Yet certain I know the spot  
As if a chart were given.*  
(Emily Dickinson)

Enquanto fantoches brincam de gato e rato por um punhado de lama, e uma nova entidade tem ingresso no universo de Platão, o petrodólar, Dinah nos revela através de uma fértil utilização de leituras assimiladas outras possibilidades do homem. E até certo ponto todos nós somos crucificados permanentemente entre dois ladros. E renascemos. O que faz pensar em Chuang-Tzu: no meu fim está o meu começo. É este o mistério de Israel, é este o mistério do homem.

*Eu venho: Memorial do Cristo, de Dinah Silveira de Queiroz, José Olympio Editora, 1974, 184 pp.*

### **Pliplaimundo, ora essa, um galo que fala?**

Dei uma grande gargalhada há tempos ao ler um trabalho de Piaget sobre percepção especial da criança: Piaget comparava um volume de massa de moldar em forma de salsicha, e uma salsicha, para um estudo estatístico. As crianças achavam que a salsicha era maior. Bolas, salsicha se come. E criança gosta de pudim, gosta daquela frutinha enrugada e vermelha (não me lembro o nome) que se serve com um creme muito anunciado na televisão, gosta de... Piaget ainda acredita

que criança deve ser educada e louco deve ser curado. Neste mundo louco! Para isso naturalmente pesquisa-se muito sobre percepção espacial, temporal, altas teorias, frioleiras da relatividade e outras ades. Naturalmente no início da pesquisa já se tem o *a priori* salvador *a posteriori*. Como se a imagem do objeto fosse o objeto, e a imagem do tempo fosse um relógio ou uma ampulheta. Me lembrei dessa gargalhada ao terminar a leitura de *Pliplaimundo no Circo*. A peça de Cassiano Nunes me caiu nas mãos em situação paradoxal, mais uma vez. As voltas com os trabalhos preliminares de encenação de minha peça *Farsa da Pesca do Pirarucu e da Caçada do Jacu*, uma paródia sofisticada de teatro rebolado, produto de anos de ruminação sobre técnica teatral, o diretor do elenco me oferece um exemplar de uma peça infantil já em ensaios. Uma outra coincidência, pouco antes eu terminei a leitura de *A Vida Íntima de Laura* (Laura é uma galinha), complemento saboroso e cotidiano do ôntico *A Galinha*, de Clarice Lispector. Confesso que senti saudade de uma inocência que nunca tive.

O jeito foi comer um frango ao molho pardo no Senhor do Bonfim, boteco de respeito de entre quadra de Brasília, que tem ainda digna de menção uma sopa de repolho com tanto entulho que só pode ser a que inspirou João da Baiana num samba antigo.

O que dói mais nessa enxurrada de livros infantis que entope livrarias e bancas de jornais é a certeza quase absoluta dos autores de que criança é burra. No dia em que encontrarem uma criança burra, não hesitem, levantem um pouquinho os olhos e verão a burrice maciça estampada na cara dos pais. Não é difícil distinguir: um certo sorriso com o canto dos lábios, um rápido movimento de nariz que se eleva, uma contração de bochechas. Criança burra é a manifestação mais eloquente da inteligência sagaz. A burrice infantil é uma couraça, a burrice adulta, um canhão. Convencionou-se que histórias como *Cinderela*, *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, e outras, são exclusivamente voltadas para a infância. Um pequeno detalhe: o mundo imaginário da criança não tem nada a ver com a visão que o adulto tem do mundo imaginário da criança. Só um lastro de poeta, realmente, permitiria a linguagem simples e de alto nível, com uma espécie de sintaxe particular inteligível pela criança, e que não é bem a sintaxe utilizada pelo adulto para macaquear o infantil. O vocabulário simples, os diálogos curtos, abrem o campo de sugestões, que me parece caracteriza a mente infantil, e não propriamente um mágico onírico de fancaria. O *faz de conta* infantil participa mais da natureza do *tudo se passa como* do que um universo mágico mítico. A criança ao brincar, me parece, não sabe que brinca. Ela brinca, simplesmente. Atitude anticartesiana, o que não é de estranhar. O clima de circo, os ciganos, os animais, a bailarina muda, o dono do circo, compõem a população da peça, e mais o excelente *Pliplaimundo*, que não é um galo que fala, galo de mundo mágico, mas apenas um galo falante, criação de poeta naturalmente aceita pela mente infantil. Porque galo que fala é um *galo que fala*.

*Eu sou o galo Pliplaimundo/ que ama vagabundear/ mas eu não sou um vagabundo/ mas sim — por favor — um vagamundo,/ porque o mundo é o meu lar.*

Além da linguagem, a comédia é essencialmente dramática, no sentido de jogo em que as convenções do palco são respeitadas e dilatadas. A sucessão equilibrada de cenas, em que a simples presença de personagens já é motivo de conflito, dá à peça um nível raro em teatro infantil. Tenho a impressão de que as especulações de Brecht, Genêt, Ionesco, Arrabal, que arrancaram o teatro de uma rigidez esquemática letal, poderiam ter origem na observação dos *teatros de fim de ano* de colégios, limite paradoxal da antinomia ator-personagem.

*Pliplaimundo no Circo, de Cassiano Nunes, edição do Autor, Rio, 1974, 30 páginas.*

### **Levin, a estrutura da poesia ou a caturrice estilística**

Em uma coisa pelo menos Sartre tem razão: o impacto da voz negra cantando *Some of These Days You'll Miss Me Honey*. Em meio à náusea total de Roquetin. Um judeu marginal chamado Gershwin compreendeu isso muito bem quando pegou o livro de Du Bose Heyward e arrancou *Porgy and Bess*, o hino nacional norte-americano, muito mais importante do que todos os satélites e projetos da NASA. Enquanto o sol do planalto me devolve uma certa embriaguez perdida não sei se pela burrice racionalmente organizada ou por qualquer outra coisa, (e o urbanismo ainda não conseguiu organizar o sol, o vento, a chuva, o frio, o ar), enquanto rumino ainda uma compreensão bem recente da dança frenética de Zorba, e esboço uma tentativa de compreensão do ato poético, dou de cara com um livrinho que me deixa ainda um pouco mais imbecilizado, *Estruturas Linguísticas em Poesia*. A dança frenética de Zorba nada tinha a ver com o vinho, nem era recurso estilístico do romancista visando determinado efeito, que combinado com outros, produziria uma trama equilibrada e bem dosada de episódios segundo padrões estéticos de um ibope prévio. Compreendi Zorba lendo *Ascese* de Kazantzakis, recentemente publicado entre nós. E ainda com ressonâncias do livro vejo confirmada uma vaga teoria pessoal de que grego não é bem aquela serenidade enfastiada de uma imagem criada por frescos oxfordianos. Conversando há pouco tempo com um búlgaro, (eles existem), estranhei a surpresa dele diante de um fenômeno bem interessante: a valorização de todas as formas populares, híbridas, das religiões de terreiro. Clara Nunes que o diga! Há qualquer coisa de Zorba na *Disritmia* de Martinho da Vila. E enquanto se fundem a compreensão da dança frenética, a meditação sobre o ato poético, a voz negra da novela de Sartre e a leitura do livrinho de Samuel Levin, procuro resumir para mim uma determinada imagem que as chamadas ciências humanas ou sociais fornecem. Encontrei à testa de tudo uma trindade: Marx, Freud, Darwin. E constatei que na matéria estamos ainda na carroça, longe da locomotiva a vapor, do motor a explosão, e bem longe ainda do motor a reação, comum hoje em qualquer teco-teco. A imagem do homem dada pelos três fundida numa só é a imagem de um autômato visto por um paranoico, de grande interesse para uma ficção científica ou uma ciência fantástica.

*“O presente estudo não tem por objetivo construir uma gramática capaz de gerar mecanicamente todos os poemas existentes — e muito menos de predizer novos poemas.” (pág. 22).*

*“Qualquer análise linguística de poesia deve haver-se com o plano sintagmático, por ser o mais imediatamente acessível à análise. Todavia, o estudo dos paradigmas é igualmente importante, de vez que certas estruturas incorporadas pelos poemas demonstram-se de mais fácil apreensão quando consideramos o poema não apenas como uma sucessão de sintagmas, mas antes e também como um sistema de paradigmas.” (pág. 34).*

Ao longo do livro sente-se uma nota melancólica, e ao mesmo tempo uma vaga esperança, pela inexistência de tal gramática não casual capaz de gerar mecanicamente todos os poemas. O exame dos versos de Browning, *Rabbi ben Ezra*, é um modelo de dessoramento poético produzido por uma análise esterilizante.

*“Molestam cuidados a ave saciada? Afligem dúvidas a besta bem nutrida?”*  
(pág. 54).

Depois da caturrice gramatical que marcou época na criação de um desgosto pela literatura no ensino, corremos o perigo de uma caturrice estilística criando coisa idêntica.

Imagino possíveis dessoramentos em versos colhidos ao acaso:

*“Mas quem despejou a areia de vossos sapatos  
Quando tivestes de erguer-vos pra morrer?”*  
Nelly Sachs, versão de Paulo Quintela.

*“Falam por mim os que estavam sujos de tristeza e feroz desgosto de tudo  
que entraram no cinema com a aflição de ratos fugindo da vida.”*  
Carlos Drummond de Andrade

*“Também no mar, amor, anda a falua  
A demandar o rastro alvo da lua  
— E vai-lhe o casco imundo dos mariscos.”*  
Darcy Damasceno

Confesso que gostaria de ver uma análise de Levin, que me parece ótimo personagem de um conto que Jorge Luis Borges não escreveu, de uma conversa de gafeira afeitada à maneira de um verso de Ascenso Ferreira:

— *Mecê, sá dona, é a frô que mais bria nesse sarao.*  
— *Antes sesse!*  
— *Antes sesse não, que esse.*

*Estruturas linguísticas em poesia, de Samuel R. Levin, tradução de José Paulo Paes, Editora Cultrix, São Paulo, 1975. 108 pp., Cr\$ 10,00.*

### O “enfant sauvage” de Illich numa sociedade sem escolas

Se as palavras têm algum sentido, o estado natural do homem é de raiva; se as palavras não têm significado, o estado natural é de idiotice. Deixando de lado um pouco as belas imagens que a publicidade me impinge por todos os lados, segundo as quais cada um de nós não arreventa de felicidade porque não quer, retomando o impertinente hábito de questionar, eu me pergunto: por que odiamos tanto a dureza das pedras? E as pedras são duras? Deixando de lado a existência como problema de conhecimento, eu me pergunto: somos educados para quê? A perfeição nos modelos de instrução nos deixa preparados para quê? Sim, com circuito fechado de TV, esplêndida arquitetura, móveis ultra anatômicos, livros e aparelhos de som ultrassofisticados, tornando possível a um menino de 10 anos aprender em quinze minutos a resolução de um sistema de equações diferenciais, ou a integrar uma função elíptica, chegamos a quê?

A pergunta não é tão irrelevante, nem tão metafísica, no sentido pejorativo. Há várias respostas: o silêncio, a gargalhada boçal e cafajeste, o risinho de ironia, a frase pedante, a sentença grave e pesada como a voz dos oráculos emanando das cavernas.

O artista, me parece, responde às vezes com meias-perguntas um pouco mais claras do que as perguntas-respostas do ensaísta aberto. Meias-perguntas em que há um certo pudor agradável até no colocar a questão e que deixa vislumbrar na obra de arte em elaboração uma meia-resposta envolta em pudor e ironia. Mesmo quando a expressão é vigorosa. Quando há coragem interior, o artista deixa de lado as generalidades tão a gosto da *conversa em nível social* e enfrenta o aspecto se enfrentando. Graciliano Ramos se enfrentou corajosamente em *São Bernardo*. E o romance não ilude, é um *romance de educação*. A dupla professora-fazendeira, atrás do painel social e regional, põe em questão um aspecto mais fundo, mais largo, mais concreto do cotidiano homem-mulher-criança. Elisa Lispector, em *A Última Porta*, fica no mesmo nível e no mesmo grau de complexidade. Os romances não têm caráter didático, mas despertam a problemática educacional no nível mais alto que se possa imaginar. Belo é sonhar a perfeição. Mais belo ainda reconhecer que a perfeição é um sonho. Só o Poeta é capaz dessa tarefa, o Poeta é o Artista. Daí sua raridade, apesar das aparências. Para sonhar a perfeição é preciso aquela ousadia que vai além da ousadia do herói ou do criminoso, a ousadia de sonhar o humano. A habilidade com que o homem destrói certos aspectos básicos de sua constituição é assombrosa, o que leva a ampliar um pouco o pensamento de Camus: *o conhecimento filosófico é o conhecimento da própria morte*. Todos os outros dele derivam, éticos, estéticos, lógicos.

“Mas pode uma árvore viver sem as raízes?”

(Elisa Lispector — *A Última Porta* — p. 42)

Mauriac, Gorki, Graciliano. Três níveis de situações econômicas reelaboradas pelo artista e que revelam muito mais o paradoxo educacional do que algum tratado de especialista. A sordidez familiar, com seus crimes perfeitos, a podridão na miséria e na abastança, a secura e a dureza do sertão. *O enfant sauvage de Illich numa sociedade sem escolas* (1) me caiu nas mãos quando eu tinha acabado de ler o livro

do próprio Illich e andava com o trio acima da cabeça, enredado em minhas próprias lembranças escolares.

“Instrução é a escolha de circunstâncias que facilitam a aprendizagem.”  
(*Sociedade Sem Escolas* – p. 36).

“Cada um de nós permanece responsável pelo que foi feito dele, mesmo que nada mais possa fazer do que aceitar sua responsabilidade e servir como advertência aos outros.”

(*Sociedade Sem Escolas* — p. 55)

Mauriac, Gorki, Graciliano. Pensava também numa técnica de exasperação através do paradoxo utilizada como recurso pedagógico em alguns mosteiros zen japoneses. Técnica que não tem finalidade prática, o que faz pensar. Não levar a sério uma farsa é perder o riso. Uma técnica adquirida é um eu rígido. Não creio que por caminhos lógicos (instrução) se chegue a um eu não rígido. Todas as formas de ilusão são possíveis. A magia é um ato banal, cotidiano. Não caberia, por acaso, perguntar, com a lembrança em *Ratos e Homens* de Steinbeck, se homem não seria apenas uma *aglomeração conceitual*?

“O ser humano nasce sem nenhuma habilidade especial, mas com possibilidade de adquirir qualquer habilidade: pode aprender, inclusive, a ser animal (*enfant sauvage*)”.

Lauro de Oliveira Lima — p. 51

Lauro de Oliveira Lima, com humor, ironia, sarcasmo, analisa o pensamento de Illich, integra-o em seu tempo, desloca-o no espaço, opõe-lhe as posições dos homens práticos, ilustra-o com desenhos, com fotografias, numa diagramação liberta da rigidez da *mancha*, da uniformidade dos tipos de impressão, levanta o problema da *coincidência* de algumas posições de Illich agora divulgadas, via Nova York, Paris, Londres, com outras, antigas, de pensadores botocudos. O que não surpreende, quando se deixa de ser prático, e se encara qualquer assunto sem aquela empáfia fenomenológica, apenas se encara o assunto, se observa o fenômeno, sem Husserl. Na era dos Mc-Luhans e outros profetas da comunicação que nada comunica, às vezes trumbica, o pequeno livro não *comunica*, desperta. E faz pensar o pensamento de Illich, que entre outras coisas lembra no início de sua obra que cuidar da saúde nada tem a ver com tratamento médico.

*Lauro de Oliveira Lima, Vozes, Capa de Paulo de Oliveira, planejamento gráfico de Mário Pontes, Rio, 1975, 104 pp, Cr\$ 18,00.*

### **Uma civilização de desodorantes e o sábio**

O grande sábio é um monte de estrume, nesta civilização de desodorantes e supositórios. Tente imitá-lo. Não sei se a Razão pertence aos líquidos, sólidos ou gasosos. Tentei agarrá-la e não consegui. Pode ser que para alguns a literatura seja um passatempo agradável, divertido. Para outros, é um grito, e nem sempre exercício de inteligência, mas da burrice profundamente humana. Nunca vi um gato burro, uma galinha burra. O escritor, às vezes, morre de fome, o industrial, às vezes morre de enfarte. A segunda é mais bela e mais digna. Nos infinitos círculos do

inferno cabem todas as mitologias, todos os deuses, todos os demônios. A ciência nos ensina a sermos complicados: quantas justificativas, explicações, teorias, para o gesto mais simples. Até que um dia compreendemos que a doença é a cura. Quando um soldado visigodo rachava ao meio com sua espada um soldado ostrogodo, simplesmente um soldado visigodo rachava ao meio um soldado ostrogodo. Hoje o Demônio anda solto, cercada de teólogos, psiquiatras e superproduções cinematográficas. Segundo Polanski, os vampiros existem e certas coisas só acontecem em Chinatown. A voz humana é fantástica, vai do grunhido à modulação de Alfred Deller no *agnus dei qui tollit peccata mundi, miserere nobis*. Em toda tralha científica que envolve a antropologia atual procuro alguma coisa ligada à emergência de sentimentos humanos. Mas a ciência é fria e positiva. Como qualquer comerciante. Nunca a antropologia esteve tão pobre do que quando foi escrito o *penso logo existo*, e nunca tão gelada do que quando foi escrito o *existo logo penso*. Mas temos uma geometria analítica, e os espaços se curvam, subitamente. As esferas gregas eram cúbicas.

“O essencial na gnoseologia galileiana pode reduzir-se a três pontos fundamentais:

1) Inferioridade do conhecimento humano, limitado, relativamente ao divino, infinito; 2) impossibilidade para o homem de um conhecimento íntegro da natureza; 3) possibilidade para ele de igualar o conhecimento divino nas proporções matemáticas, onde alcançava a certeza da sua necessidade.”

(Rodolfo Mandolfo – *Figuras e ideias da Filosofia da Renascença*, pp. 235)

“... la incertitud de la personalidad que no sabe si vive en la enfermedad o en la desgracia.”

(Von Gebsattel, *Imago Hominis*, pp. 30, tradução espanhola.)

*Satã em Gorai* me desperta a lembrança de outros dois romances do Autor lidos em português, *O mágico de Lublin*, edição brasileira, e *O Escravo*, edição portuguesa. E *Satã em Gorai* é o mais fraco dos três. *O mágico de Lublin* me pareceu uma síntese da visão do artista devorado por suas paixões numa perspectiva diferente da visão burguesa de Thomas Mann, ou da visão romântica de Hesse, o artista liberando-se de sua *identidade* deixa-se absorver pelo fenômeno religioso bruto. O Escravo é um poema lírico sobre o amor do judeu Jacob e da *goie* Wanda, na Polônia do século XVII. O passado, às vezes, é um bom refúgio quando colocado no futuro. Ilude-se o presente, escamoteia-se o *aqui* e *agora*. O livro agora publicado narra os acontecimentos na aldeia polonesa de Gorai após o massacre de Chmelnicki, em que os judeus ortodoxos e os adeptos do falso messias Sabatai Zevi se entredevoram, em meio à história de possessão demoníaca. O livro é frio, porém, e dá vontade de parafrasear Otto Lara Resende: se mineiro é solidário no câncer, judeu nem mesmo no enterro. Às vezes tem-se a impressão de que Deus aparece nas religiões oficiais como sendo o Diabo numa sutil inversão. O que não deixa de ser interessante quando se considera o fenômeno religioso basicamente paradoxal.

A grande Simone Weil odiava o Velho Testamento. Teria a mesma atitude se conseguisse encará-lo como uma *conscienciografia*, em que fatos pseudo-históricos seriam apenas alegorias de outros fenômenos? Uma das facetas do Diabo é arrastar-nos para uma discussão em torno das palavras. O tratamento superficial dado ao tema e aos tipos faz-nos sentir saudade do gigante Isaac Babel dos *Contos de Odessa*, e daquela esplêndida figura de rabino do filme *Madre Joana dos Anjos*. Interrogado pelo exorcismo que se dilacera em meio a um milhão de sutilezas verbais, o velho barbudo lhe diz:

Queres conhecer um homem, entrega-te a ele!

Há qualquer coisa de paraíso no inferno, ou de inferno no paraíso. O *eu*... O *outro*... O *eu* como imagem do *outro*. O *outro* como imagem do *eu*. O não *eu*. O não *outro*.

*Satã em Gorai, Isaac Bashevis Singer, Perspectiva, tradução de Tatiana Belinky, São Paulo, 1975, 152 pp., Cr\$ 38,00.*

### **Filosofia: nem só de cão vive um lobo**

Evaldo Gouveia e Jair Amorim me dão a segunda aula real de filosofia, na Voz Negra do Brasil, Jair Rodrigues, discípulo de mestre Jamelão: Perdão Portela! Juan Carlos Hurtado, adolescente gideano do Hotel Flórida de Santa Cruz de La Sierra me cria um problema lógico. Problema lógico enriquecido com a lembrança de um conto de outro Juan, Rulfo, *Macário*, de *Llano en Llamas*. Problema lógico ampliado agora com as declarações do Ministro Velloso sobre dívida externa. Problema lógico densificado com as rumações do livrinho esplêndido de Augusto Sa1azar Bondy, *Existe una filosofia de nuestra américa?*

Tenho uma velha paixão pelos idiotas, até mesmo admiração. Macário, idiotizado desde o nascimento, levando a sério os idiotizadores. Ao pagar as diárias do Hotel Flórida. Juan Carlos me dá o recibo. *Señor Samoel Urys R. (pieza 10), Al Gran Hotel Florida, por lo siguiente... Debe 2 dias de alojamiento...* Acho perfeitamente lógico, claro. Não há nenhum impedimento lógico na questão, tudo perfeitamente claro no universo imbecilizado dos Husserls, em que se toma *filosofia como ciência do rigor*. Bancário. Não foi à toa que Edith Stein se transformou em carmelita, e percorreu a Europa a pé. Em frente ao Restaurante Belgrado um índio velho e cego sentado e de mão firme estendida permanece indiferente aos que deixam ou não a moeda em sua mão. A imagem do índio cego enquanto o trem se desloca serra abaixo em direção a Corumbá, e as gigantescas rochas fraturadas lembram deuses incas. A imagem do índio cego e uma biografia de Olga de Alaketo, enquanto rascunho *O Riso do Rato*, conto com ação na Praça Onze do Rio, e suas adjacências, aí por volta de 1945. A imagem do índio cego, a biografia de Olga de Alaketo, o tema da busca admiravelmente recriado pelo latino-americano Adonias Filho, em *As Velhas*, obra-prima sem picaretagem ideológica nem contrabando sociológico ou de outra espécie. Filosofia americana. *Hay? No hay? Debe haber?* No terraço do hotel, as montanhas de Cochabamba, o sol, o céu, a prosa vibrante de

Antônio Carlos Villaça, irmão de Picasso nos desenhos de Rilke, Maritain, Mounier. Em *Místicos, Poetas e Filósofos* encontro:

“Todos os deuses estavam mortos e o homem começava.” (p. 102 – Roger Garraudy sobre Cristo). Um bom começo seria o abandono de um monoteísmo de indigentes mentais e uma reavaliação do politeísmo afro-indígena.

*"Hay que intentar hacer pura y simplemente filosofía, que lo americano se dará por añadidura."* (A. S. Bondy – p. 92).

*Horizonte e Complementaridade*, de Eudoro de Sousa, me acompanhou nessas duas viagens, a interior e a exterior, e me fez permanecer de pé no avião grudado à janela, enquanto me embestia no pantanal mato-grossense, sem saber o que era água, terra, céu, nuvem. Sem ter vomitado ainda a embromação existencialista que inunda o merendo em todas as áreas, cobrindo de entulho os poucos nomes que apenas fizeram meditação pessoal, sem preocupações de escola, a leitura me atordoava. Pela dificuldade, pela simplicidade, pela importância do tema, pela raridade da autêntica meditação. O que eu encontro de novo é a riqueza da mitologia grega repensada por um homem que se move entre fragmentos de tradução duvidosa e ambígua, que repensa pensamentos pensados por homens que realmente pensavam e articulavam o que mal se pode articular na forma precisa e vaga do poema, de homens que falam de ar, de terra, de fogo, de água. Talvez o ar não seja ar. Talvez a terra não seja *terra*. Tudo longe dessa mistificação que permite concluir: na medida em que se encara o pensamento como *objetivável* e algum sujeito objetivando o *pensamento*, as maiores idiotices assumem feição lógica impecável. Henry Miller levou 25 anos para compreender uma frase de Maeterlinck. Porque não esperar 50 para compreender que muita compreensão é, às vezes, inútil. O problema do *horizonte* e da *complementaridade* visto por Eudoro de Sousa, permite ampliações profundas em todos os setores. Inclusive o médico, devolvendo à clínica geral sua importância, e acabando com essa vasta embromação psicológica, campo fértil para tudo o que é chantagem.

Há conflitos psicopatológicos fruto de equívoco no *significado* de palavras, e até que ponto *significante* e *significado* são encarados nessa perspectiva? Cito como exemplo a personagem do filme de Sidney Lumet, *Um Dia de Cão*. A personagem é verdadeira: Sonny. Sidney Lumet mostra a piada. No filme fala-se na família de Sonny. Inclusive a problemática sexual foi vigorosamente abordada pelo diretor. A paródia do comportamento homossexual, e no caso tudo é paródia, vista numa perspectiva de autêntica meditação filosófica acabaria com essa vigarice freudiana que anda por aí em matéria de sexualidade. Não sei se a filosofia resolve alguma coisa, ou se tem a obrigação de resolver, mas um mínimo se exige de quem está na área, *abertura* em relação ao próprio ato de meditar. O filósofo às vezes é um homem distraído. Às vezes dependendo dos tipos que o cercam, sai com uma mão (assim mesmo, *cacófaton*) na frente, outra atrás, e a terceira segurando o queixo. Se for filósofo mesmo, meditará sobre o exótico folclore europeu tão bem compreendido pelas Escolas de Samba. “A religião do poema “físico” (Empédocles) está presente até pela palavra que, em grego, mais legitimamente significa: Eusebéie (“Piedade”) (*Horizonte e Complementaridade*, p. 94). Creio hoje que quando é absolutamente

impossível ser macaco o homem nasce. Nem mesmo todas as mitologias juntas constituem sistema fechado. Uma sugestão: o estudo do nascimento da Noite (mitologia amazônica) como gnoseologia. A bênção, Olga de Alaketo!

*Horizonte e Complementariedade, de Eudoro por Sousa. Livraria Duas Cidades, 1976, São Paulo. 150 pp., Cr\$ 35,00.*